



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

ANTONIO ROCHA DE SOUSA

**A PRÁTICA DE ENSINO DE HISTÓRIA DO 6º AO 9º ANO NO
GINÁSIO MUNICIPAL JOÃO JOSÉ BATISTA, SÃO JOÃO DA
CANABRAVA**

PICOS – PI

2013

ANTONIO ROCHA DE SOUSA

**A PRÁTICA DE ENSINO DE HISTÓRIA DO 6º AO 9º ANO NO
GINÁSIO MUNICIPAL JOÃO JOSÉ BATISTA, SÃO JOÃO DA
CANABRAVA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal do Piauí - UFPI como
requisito para conclusão de graduação em
Licenciatura Plena em História.

Orientador: Francisco Gleison da Costa Monteiro

Eu, **Antonio Rocha de Sousa**, abaixo identificado(a) como autor(a), autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI 24 de setembro de 2013.


Assinatura

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

S725p Sousa, Antonio Rocha de.
A Prática do ensino de história do 6º e 9º ano no ginásio municipal João José Batista, São João da Canabrava - PI / Antonio Rocha de Sousa. – 2013.
CD-ROM : il; 4 ¼ pol. (61 p.)

Monografia(Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2013.
Orientador(A): Prof. Msc. Francisco Gleison da Costa Monteiro

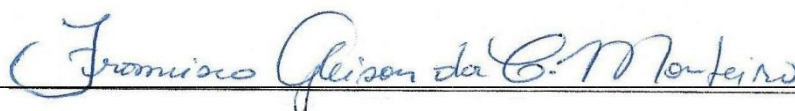
1. Educação. 2. Ensino de História . 3.Prática Docente.
I. Título.
CDD 907

ANTONIO ROCHA DE SOUSA

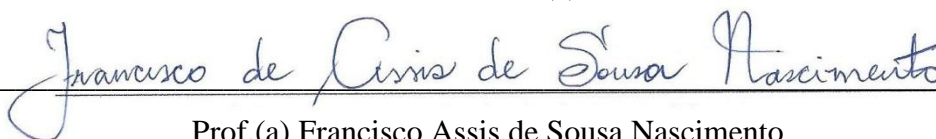
**A PRÁTICA DE ENSINO DE HISTÓRIA DO 6º AO 9º ANO NO
GINÁSIO MUNICIPAL JOÃO JOSÉ BATISTA, SÃO JOÃO DA
CANABRAVA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal do Piauí - UFPI como
requisito para conclusão de graduação em
Licenciatura Plena em História.

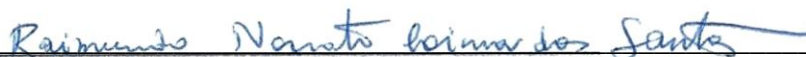
Orientador: Francisco Gleison da Costa Monteiro



Prof.(a) Msc. Francisco Gleison da Costa Monteiro
Orientador (a)



Prof.(a) Francisco Assis de Sousa Nascimento
Examinador



Prof.(a) – Raimundo Nonato Lima dos Santos
Examinador

PICOS – PI

2013

À minha mãe, Gersa Rocha; ao meu pai, José Vieira;
Aos meus irmãos; Carlos, Eivaldo, Francisco (in memoriam), Luzinete e Rosário.

AGRADECIMENTOS

Existem situações que o ser humano necessita de apoio e ajuda de todas as formas e maneiras. Seja direta ou indiretamente é confortante saber que há pessoas que nos estimam e acreditam na nossa força de vontade. Para a realização deste trabalho de conclusão curso, pude contar com várias e a essas pessoas presto, através de poucas palavras, os mais sinceros agradecimentos:

Ao professor Gleison Monteiro, orientador deste trabalho, pelos seus conhecimentos, sua atenção e sua boa vontade. Aos meus amigos de curso, aos meus colegas da universidade e a todos os meus professores que compartilharam o saber. A toda a minha família pela compreensão, apoio e paciência, em fim agradeço a todos que depositaram em mim estima e confiança para que terminasse o ensino superior.

A diretora, professores e alunos do Ginásio Municipal João José Batista, pela valiosa colaboração no acolhimento e na receptividade durante as entrevistas e na aplicação dos questionários.

*“Grande e nobre é sempre viver simplesmente”
(Fernando Pessoa)*

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem por temática - A prática de ensino de história do 6º ao 9º ano no Ginásio Municipal João José Batista – e possui o objetivo geral de compreender a prática de ensino de História do 6º ao 9º ano no Ginásio Municipal João José Batista, localizado em São João da Canabrava, a 352 km da capital Teresina. Entre os problemas que norteiam este trabalho, surgem indagações sobre como é transmitido o saber histórico em sala de aula? Quais métodos o professor de história utiliza nas suas aulas? Como se dá a troca de conhecimento entre professores e alunos? Para efetivar esse estudo optou-se em utilizar depoimentos de professores, obtidos por meio do método da História Oral e a aplicar questionários com os alunos do já referenciado Ginásio. Após definir a metodologia a ser utilizada e realizar uma revisão bibliográfica de autores que abordam este tema, partiu-se para o trabalho de campo, realizado através de aplicação de questionários com os alunos do 6º ao 9º ano no turno da tarde, e na realização de entrevistas com professores de História. O questionário apresentado aos educandos descritos acima, está estruturado em três eixos temáticos: Quem é você? Por que estudar História? Como você se posiciona frente ao ensino da História? O trabalho está estruturado em dois capítulos. O primeiro versa sobre a História ensinada nas escolas públicas, o qual levanta questionamentos sobre as práticas de ensino no Brasil. O segundo capítulo trabalha a prática de Ensino de História do 6º ao 9º ano no Ginásio Municipal João Batista, onde é feito um levantamento sobre quais os conteúdos estão sendo repassados aos educandos e a forma metodológica de ensino dos mesmos; apresenta uma análise dos dados colhidos durante o trabalho de campo ao tempo em que levanta uma discussão sobre novas práticas de ensino e por fim, apresenta sugestões para melhorias no ensino de História.

Palavras – Chave: Educação. Ensino da História. Prática docente.

ABSTRACT

This work of course completion is thematic - The practice of teaching history from 6th to 9th grade at the Gymnasium Municipal João José Batista - and has the overall goal of understanding the practice of teaching history from 6th to 9th grade at the Gymnasium Hall John José Batista, located in St John's, at 352 km from the capital Teresina. Among the problems that guide this work, questions arise about how historical knowledge is transmitted in the classroom? What methods the teacher uses in their history classes? How does the exchange of knowledge between teachers and students? To carry out this study, we decided to use testimonials from teachers, obtained by the method of oral history and conduct questionnaires with students already referenced Gym. After defining the methodology to be used and to review literature of authors who address this issue, went to the field work, conducted through questionnaires with students from 6th to 9th grade in the afternoon, and the achievement interviews with history teachers. The questionnaire submitted to the students described above, is structured around three main themes: Who are you? Why Study History? As you stand facing the teaching of history? The working is divided into two chapters. The first deals with the history taught in public schools, which raises questions about teaching practices in Brazil. The second chapter works the practice of History teaching from 6th to 9th grade at the Gymnasium Hall John the Baptist, which is a survey on what content is being passed on to students and how methodological teaching them; presents an analysis of data collected during fieldwork at the time that raises a discussion about new teaching practices and finally makes suggestions for improvements in the teaching of history.

Keywords: Education. History Teaching. Teaching practice.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 A HISTÓRIA ENSINADA NAS ESCOLAS PÚBLICAS	16
1.1 Surgimento do ensino de História enquanto disciplina escolar	16
1.2 Ensino de História: tendências e concepções	23
2 O ENSINO DE HISTÓRIA NO GINÁSIO MUNICIPAL JOÃO JOSÉ BATISTA	28
2.1 Conhecendo a Ginásio Municipal João José Batista	29
2.1.1 Estrutura Administrativa	29
2.1.2 O planejamento escolar	30
2.1.3 Proposta Politico-Pedagógica	32
2.2 Professores e alunos: O Ensino de História na prática	33
2.3 Desafios e novos horizontes para o ensino de História.....	40
4 CONCLUSÃO.....	46
REFERÊNCIAS	49
APÊNDICES.....	51
APÊNDICE A – Fachada do Ginásio Municipal João José Batista	52
APÊNDICE B – Biblioteca do Ginásio Municipal João José Batista	53
APÊNDICE C – Modelo de questionário do professor	54
APÊNDICE D – Modelo de questionário do aluno	58

INTRODUÇÃO

Atualmente o processo de ensino-aprendizagem tem sido cada vez mais pesquisado e discutido em centros de estudos e universidades por intelectuais que buscam compreender e explicar como se configura esse panorama e quais as suas ramificações.

No campo do ensino da história, este tema traz diversas inquietações; a principal delas é entender como o ensino está sendo trabalhado em sala de aula e qual a interação entre professores de história e alunos na construção do conhecimento da supracitada disciplina escolar.

Desde os tempos do ensino fundamental, a matéria de história chamava à atenção pela forma como era apresentada pelos professores. O ensino era transmitido de forma interessante e os alunos assimilavam com facilidade os conteúdos. No entanto, os questionamentos eram encabeçados apenas por alguns, a participação era baixa e o interesse da maioria se resumia em “decorar” os exercícios escolares para serem aprovados nas impostas avaliações mensais.

Com a elevação dos níveis de estudo - a exemplo do Ensino Superior - a História enquanto graduação *latu sensu* e não mais como disciplina avulsa do colégio, passou a ser ensinada de maneira oposta à época das séries iniciais. Na universidade, a História é “desconstruída” em sala de aula pelos professores e assim ela passa se constituir como uma tarefa árdua do raciocínio humano ao analisar e interpretar os acontecimentos históricos.

Sendo assim, as inquietações para pesquisar o tema desta monografia surgiram ao longo do curso de História, principalmente após o estágio obrigatório em sala de aula. Nesse período, percebeu-se que a forma de transmitir o conteúdo histórico de tempos atrás continuava praticamente a mesma, e a maioria dos educandos só se preocupavam em atingir a média nas avaliações para serem aprovados no final do ano letivo.

Depois de formados, os acadêmicos que exerceram a regência do curso de História nas escolas de Ensino Fundamental e Médio vão se deparar na realidade profissional com esse “problema”. Por isso, esta pesquisa de conclusão de curso visa conhecer a realidade do ensino-aprendizagem da História dentro da sala de aula para que assim, possa contribuir de forma eficaz na melhoria da qualidade da educação.

Mediante o exposto, enfatiza-se que a escola é um lugar de aprendizagem e convivência social que deve oferecer a quem a ela acede, não apenas um espaço físico e uma estrutura organizacional, mas também é necessário disponibilizar um espaço relacional de convivência, cooperação e de resolução de conflitos.

Assim, a escola torna-se um local de convívio social integrado buscando a igualdade, mediante uma consciência ética da pluralidade cultural. É no ambiente escolar que se desenvolve diferentes e múltiplas formas de conhecimento, entre estes o conhecimento histórico, que é ensinado através da disciplina de História.

O ensino da História apresenta-se com o objetivo de despertar no educando uma consciência crítica sobre os fatos do presente e do passado, para que na vivência cotidiana possa aplicar tais conhecimentos em favor da sociedade em que vive. Acredita-se que o ensino da supracitada disciplina escolar se constitui como uma parte fundamental na formação escolar do aluno.

A maneira como o ensino é transmitido ultrapassa os limites da sala de aula, integrando parte dos valores e conceitos do educando para a convivência na sociedade a qual está inserido. A importância desta disciplina não reside apenas no conteúdo que é repassado, mas, sobretudo, e, de modo singular, com o ambiente escolar e social.

De acordo com Fonseca e Silva (2010) a História enquanto disciplina na educação escolar brasileira, é cada vez mais estudada, tanto no aspecto de pesquisas realizadas na própria academia, como na produção de componentes curriculares, a exemplo de: livros didáticos e paradidáticos, de programas e projetos de formação de professores.

Análises da produção, na área do ensino e da aprendizagem, evidenciam preocupações recorrentes com o papel da História como disciplina escolar; os currículos, critérios/ modos de organização e seleção curricular; livros didáticos e paradidáticos; metodologias e práticas de ensino consideradas adequadas, críticas ou formativas. Cartografias da produção demonstram que esse terreno é controverso, habitado por disputas, interesses, consensos e dissensos teóricos e políticos. Em diferentes contextos da história do Brasil, é possível dimensionar a preocupação do Estado com a institucionalização de currículos e programas de História para a educação básica (FONSECA, SILVA, 2010, p. 15).

Para os autores citado acima, a compreensão do ensino de História como conteúdo de formação dos educandos assinala para a construção de novas práticas de ensino-aprendizagem, que viabilizam e potencializam novas práticas metodológicas, e assim possibilitam outras relações educativas no ensino desta disciplina escolar, desde os primeiros anos de escola.

Neste cenário, em que novas práticas e métodos de ensino se tornam necessidades básicas, o autor já referenciando explica que o professor não está sozinho perante os saberes, pois na sua interação com os alunos é preciso valorizar os conhecimentos destes, como também os seus valores, atitudes e ideias.

Assim sendo, Fonseca e Silva (2010, p. 31) enfatizam que “a consciência histórica do aluno começa a ser formada antes mesmo do processo de escolarização e se prolonga no decorrer da vida, fora da escola, em diferentes espaços educativos, por diferentes meios”.

Segundo Azevedo (2011), o ato de ensinar só se torna significativo quando se constitui o ato de aprender, ou seja, só existe ensino, quando esse é apreendido pelos educandos. Portanto, é preciso refletir sobre a prática de ensino de História, para que desta forma se crie uma identidade profissional e possibilite repensar a própria formação dos educadores.

Ainda no pensamento da estudiosa parafraseada acima, deve-se chamar à atenção para a importância de se desenvolver um diálogo aberto com os educandos. Pois, “nesse sentido, a colaboração do aluno e a sua parceria são fundamentais para o ensino de História e de qualquer disciplina” (AZEVEDO, 2011, p. 115).

Ao observar o papel da disciplina de História para a formação educacional dos discentes, indaga-se sobre como este ensino está sendo trabalhado pelos docentes; se a prática de ensino é revestida de valores positivistas; se aborda uma história linear, ou se permite uma discussão valorizando o conhecimento de cada um dos envolvidos no processo.

Munhoz (1999) adverte que em muitos casos, o ensino de História é conduzido em sala de aula como uma reprodução de conteúdos e ideias, a qual não possibilita aos discentes um espaço agradável para discussão e o debate. Não se pretende, com esta afirmação, responsabilizar o professor de História, por esta forma de ensino. Pois, percebe-se que a configuração em que se encontra a educação nos dias atuais dificulta qualquer que seja a forma de se trabalhar com os educandos.

Discussões à parte elenca-se que para efetivar a pesquisa do tema em destaque nesta monografia, busca-se compreender a prática de ensino de História do 5º ao 9º ano no Ginásio Municipal João José Batista, localizado na Avenida João José Batista, S/N, Centro, na cidade de São João da Canabrava, município brasileiro do estado do Piauí, localizado a 299 quilômetros da capital Teresina.

Nesse sentido, faz-se necessário um embasamento teórico sobre esse tema, que possibilite conhecer o que os estudiosos dizem sobre o assunto, como também a utilização de uma metodologia adequada, para que aliada a teoria se possa conhecer as práticas desta modalidade de ensino.

Para realizar o estudo sobre ensino-aprendizagem da História na sala de aula optou-se em utilizar depoimentos de professores, obtidos por meio do método da História Oral e a aplicar questionários com os alunos do já referenciado Ginásio, Acredita-se que esta

metodologia contribui de forma significativa para valorizar as verbalizações, argumentações e opiniões sobre o tema abordado neste trabalho de conclusão de curso.

De acordo com Amado e Ferreira (2006), História Oral pode ser compreendida como um método que proporciona o surgimento de novas fontes para o pesquisador, e para isso utiliza-se de depoimentos colhidos durante pesquisas direcionadas a determinado público, pressupostos teóricos, problematização de determinados conteúdos, entre outros.

“Fazer história oral significa, portanto, produzir conhecimentos históricos, científicos e não simplesmente fazer um relato ordenado da vida e da experiência dos outros” (AMADO; FERREIRA, 2006, p.17). Para estes pesquisadores, a história oral é interdisciplinar, pois dialoga com diversas áreas, entre elas a Psicologia, a Antropologia e as Ciências Sociais.

Ao trabalhar a História Oral, Meihy e Ribeiro (2011) apontam que esta linha de pesquisa relaciona-se a prática da entrevista, e defendem que esta deve ser conduzida de forma planejada, para que o entrevistador obtenha êxito nas suas perguntas. Para estes estudiosos, as entrevistas devem proporcionar não apenas dados, mas uma interpretação sobre o conteúdo que se deseja conhecer.

Não se deve confundir história oral com entrevistas simples, isoladas, únicas e não gravadas. Também não cabe chamar entrevistas comuns de história oral, pois em muitos casos elas se orientam por procedimentos e práticas diferentes, respeitáveis e legítimas, mas em outras chaves explicativas ou outras necessidades. (MEIHY e RIBEIRO, 2011, p.13).

Entende-se, a partir dos autores citados acima, que é preciso fazer um planejamento detalhado na hora de aplicar a entrevista, e esse planejamento deve começar na elaboração das perguntas, para que se consiga extrair dos entrevistados não apenas respostas prontas, mas provocar uma reflexão que seja repassada durante a fala de cada um.

Para Khoury (2004) ao dialogar com os entrevistados, supõe-se apreender os significados destas narrativas e ao mesmo tempo inserir esses indivíduos no campo de trabalho pesquisado. Embora as narrativas sejam pessoais, as mesmas se fazem em um espaço social no qual recebem diversas influências.

Ao narrar, as pessoas interpretam a realidade vivida, construindo enredos sobre essa realidade, a partir de seu próprio ponto de vista. Nesse sentido, temos esses enredos como fatos significativos que se forjam na consciência de cada um, ao viver a experiência, que é sempre social e compartilhada, e buscamos explorar modos como narrativas abrem e delineiam horizontes possíveis na realidade social (KHOURY, 2004, p.125).

Após definir a metodologia a ser utilizada, partiu-se para a escolha dos entrevistados e a elaboração de um calendário para o agendamento das entrevistas. A realização deste trabalho deu-se através da aplicação de questionários com os alunos do 5º ao 9º ano no turno da tarde, e na realização de entrevistas com professores de História. Ao todo, foram aplicados cinco questionários em cada turma. O objetivo é compreender qual a visão que cada um tem sobre o que está sendo transmitido em sala de aula.

A escolha dos entrevistados foi feita da seguinte maneira: Quatro (04) professores de história: dois graduados e dois que possuem graduação em outras áreas, mas que por algum motivo lecionam a disciplina.

A aplicação dos questionários foi realizada com os alunos do 6º ao 9º, do Ginásio Municipal João José Batista localizado no município de São João da Canabrava-PI. Os questionários foram expostos a 20 alunos do sexo masculino e feminino durante o mês de março de 2013. Por motivos éticos, a análise dos questionários preservará a identidade dos respondes por serem menores de idade. Para melhor compreensão, cada tema do questionário será apresentado separadamente.

O questionário apresentado aos educandos descritos acima, está estruturado em três eixos temáticos: Quem é você? Por que estudar História? Como você se posiciona frente ao ensino da História? Esta divisão foi proposta para obter uma melhor compreensão e qualificação das respostas obtidas dos alunos à cerca dos citados temas.

O material colhido nas entrevistas será utilizado para uma análise sobre a prática do ensino de História, que por sua vez poderá apontar caminhos para o aprimoramento na transmissão de conteúdos, facilitando o aprendizado dos alunos e provocando a elevação qualitativa do ensino.

Entre os problemas que norteiam este trabalho, surgem indagações sobre como é transmitido o saber histórico em sala de aula? Quais métodos o professor de história utiliza nas suas aulas? Como se dá a troca de conhecimento entre professores e alunos? Qual história esta sendo repassada: a dos vencedores ou a dos vencidos? Existe uma reflexão sobre os conteúdos estudados? Lima – Construção de conhecimentos

A partir destas questões, busca-se chegar aos objetivos específicos apresentados da seguinte forma: observar como os professores trabalham os conteúdos da disciplina história; analisar como os alunos apreendem o conteúdo visto em sala de aula; conhecer quais os desafios que permeiam o campo de ensino da história na atualidade; compreender os métodos utilizados pelo professor na exposição dos conteúdos.

Objetiva-se aqui promover uma discussão acentuada sobre este tema, e se possível apontar caminhos para que o saber histórico, tão importante na formação dos cidadãos, seja discutido, construído durante as aulas, onde professores e alunos possam observar a sua realidade e descobrir que muito dos processos nos quais estão vivenciando hoje tem ligação com fatos do passado e por isso é fundamental se estudar História.

Por se tratar de um estudo no qual as fontes de pesquisa são os professores e alunos, o desenvolvimento deste trabalho será constituído por uma metodologia baseada na História Oral. O trabalho está estruturado em dois capítulos. O primeiro capítulo versa sobre a História ensinada nas escolas públicas, o qual levanta questionamentos sobre as práticas de ensino no Brasil. Apresenta ainda um breve histórico sobre o surgimento desta disciplina escolar e a sua evolução ao longo dos anos.

O segundo capítulo trabalha a prática de Ensino de História do 5º ao 9º ano no Ginásio Municipal João Batista, em São João da Canabrava-PI, onde é feito um levantamento, através de entrevistas e questionários, sobre quais os conteúdos estão sendo repassados aos educandos e a forma metodológica de ensino dos mesmos e apresenta uma análise e discussão dos dados colhidos durante o trabalho de campo.

CAPITULO I

A HISTÓRIA ENSINADA NAS ESCOLAS PÚBLICAS

1.1 O ensino de História enquanto disciplina escolar

A História como disciplina escolar independente surgiu no final do século XIX, na Europa, incentivada pelo Estado na tentativa de tomar para si a missão de educar a sociedade e da constituição das nações modernas. (NADAI 2009).

No Brasil, o ensino da História surgiu estreitamente relacionado com a forma pela qual a educação foi introduzida no país - através do ensino Jesuítico - e a sua forma proselitista de ensinar, conduzindo os educandos a aceitar o conteúdo ensinado, não sendo permitido questionar. Nesse período, a história ensinada era baseada nos ensinamentos bíblicos ou na história da vida dos santos (PIRES; SOUSA, 2010).

Ainda de acordo com Pires e Sousa (2010) o ensino de História, enquanto disciplina propriamente dita, surge no Brasil a partir do XIX momento este em que são formulados os primeiros manuais escolares, criados no Colégio Pedro II pelo professor Joaquim Manuel de Macedo. Estes manuais serviram de base para a elaboração de diversos outros por todo o país.

Outro fator importante para compreender a formação da disciplina história foi o surgimento do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). A partir da década de 1840, tem início de a escrita oficial sobre a da história do Brasil, tendo privilégio por um ideal de nacionalidade e também da construção de uma identidade nacional, ligando a história brasileira à história europeia. Este modelo influenciou de forma acentuada o ensino desta disciplina no ambiente escolar (PIRES; SOUSA, 2010).

Sobre o surgimento do ensino de História no Brasil, Fonseca e Silva (2010) acrescenta que a partir do século XIX, podem-se identificar dezoito programas de ensino relativos às reformas curriculares entre os anos de 1841 e 1951. Segundo o autor, esses programas foram organizados pelo Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro, de acordo com as diretrizes das várias reformas curriculares ocorridas naquele período.

Os textos dos documentos curriculares “prescritos” são reveladores de objetivos, posições políticas, questões teóricas que configuram não apenas o papel formativo da História como disciplina escolar, mas também estratégias de construção/manipulação do conhecimento histórico escolar (FONSECA, SILVA, 2010, p.16).

A partir deste contexto, o autor faz alguns questionamentos sobre o ensino da História:

Tudo é História? Se tudo é História, por que às escolas de Educação básica são endereçados determinados conteúdos específicos, selecionados, elaborados em diferentes lugares de produção? Por que, nas diferentes realidades escolares, na construção curricular cotidiana, outros conhecimentos são selecionados e ensinados? De quais formas os currículos de História, “prescritos e vividos” operam no sentido de selecionar para quê, o quê e como ensinar em História? (FONSECA, SILVA, 2010, p.16)

Segundo o autor as respostas para esses questionamentos não são fáceis de encontrar, pois dependem de posições políticas e escolhas teóricas e metodológicas de professores e pesquisadores. No âmbito da área de História, Fonseca e Silva (2010, p.16) advertem que na busca por respostas aos questionamentos propostos, surgem outras perguntas ainda mais complexas “o que fazem os professores de História quando ensinam História?”; “quais os temas, as fontes, os materiais, os problemas que escolhemos para fazermos as mediações entre o passado e o presente vivido por nós?”.

Tomando as indagações teóricas de Fonseca e Silva (2010) e comparando-as na prática, utiliza-se aqui para uma melhor compreensão os objetivos descritos no Plano Político Pedagógico do Ginásio Municipal João José Batista que é o campo de atuação de pesquisa deste trabalho de conclusão de curso.

Projeto Político Pedagógico¹ que apresenta todas as diretrizes essenciais para o funcionamento eficiente, efetivo e eficaz do ensino escolar. No tocante ao ensino da história em escolas públicas, o PPP do Ginásio Municipal João José Batista apresenta os seguintes eixos temáticos: História das relações sociais da cultura e do trabalho e a História das representações e das relações de poder².

A partir destes componentes é que serão desenvolvidos os conteúdos em sala de aula. A professora Francisca Dorisneide de Abreu é formada em Licenciatura Plena em História Pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI, e atua há 13 no Ginásio João José Batista, ministrando aula para as turmas do 6º ao 9º ano. A última capacitação que participou foi a dos PCN's - Parâmetros Curriculares Nacionais), oferecida pela Secretaria Municipal de Educação de São João da Canabrava.

Segundo Dorisneide, atualmente o ensino está mais dinâmico e os alunos participam mais das aulas, o que até pouco tempo atrás não acontecia. Antes, como explica a professora,

¹ Daqui em diante, PPP.

² Projeto Político Pedagógico do Ginásio Municipal João José Batista

o estudo não só da história, mas de todas as disciplinas na década de 80 a 90 baseava-se totalmente no decoreba dos conteúdos. Vejamos em seu depoimento:

“Quando eu estudei era decoreba, o aluno não era crítico, e hoje o próprio livro didático permite que o aluno exponha suas ideias. A História mesmo trabalhando o passado, busca mais o cotidiano, a participação do aluno é muito mais efetiva”³.

De acordo com a depoente o aluno “não era crítico” e com as mudanças que ocorreram nos currículos e na própria elaboração do livro didático é possível percebermos que “hoje o próprio livro didático permite que o aluno exponha suas ideias”. Mas vejamos, não que o livro seja autônomo. Para que os alunos aprendam criticamente a história é necessário uma intervenção por parte dos professores.

O que podemos entender é que a temática sobre o ensino da disciplina de História nas escolas públicas tem sido um ponto de discussão não somente entre os professores. Notamos que existem muitos historiadores que, hoje, levantam questões relacionadas às teorias, as metodológicas e as práticas no que se refere à forma de como o conteúdo está sendo transmitido e ao mesmo tempo discutido com os educandos nas salas de aulas (BITTENCOURT, 2009).

Em um artigo sobre esse tema, Munhoz (1994) lança diversos questionamentos sobre o tipo de história que está sendo ensinada nas escolas, se a mesma é dinâmica e visa despertar no aluno um espírito crítico ou se constitui em um ensino positivista que valoriza os heróis e despreza os excluídos.

Para o autor a história ensinada na maioria das escolas brasileiras é factual e se presta aos interesses das classes dominantes e o ensino ocupa uma função ideológica dentro da estratégia da “ordem”. Uma ordem que reflete os interesses das classes que detém o controle do poder.

Fonseca (2010) corrobora com Munhoz (1994) e afirma que a história ensinada é fruto de uma seleção, de interpretações de sujeitos históricos. “Como bem sabemos, a história ensinada é sempre fruto de uma seleção, um “recorte” temporal histórico. Assim como a História, o currículo escolar não é um mero conjunto neutro de conhecimentos escolares a serem ensinados, apreendidos e avaliados” (FONSECA, 2010, p.16).

Para Munhoz (1994) a história ensinada na maioria das escolas brasileiras é factual e se presta aos interesses das classes dominantes. Nesse contexto, o autor considera que o

³ Francisca Dorisneide de Abreu, professora, 35 anos. Moradora na cidade de São João da Canabrava. Entrevista concedida a Antonio Rocha de Sousa no dia 25 de maio de 2013.

ensino ocupa uma função ideológica dentro da estratégia da “ordem”. Uma ordem que reflete os interesses das classes que detém controle do poder.

A instituição escola efetua o discurso da neutralidade científica, buscando esconder assim a sua orientação classista burguesa. Nesta escola a história, enquanto processo dinâmico cede lugar à compilação de fatos fragmentados que impede ao estudante a compreensão do processo histórico como um todo e consequentemente da realidade por ele vivenciada (MUNHOZ, 1994, p. 67).

Esse discurso ideológico pode ser entendido como as reais intenções do Estado ao produzir os manuais escolares, e entre outras coisas, produzir uma história pautada na visão do vencedor sobre o vencido.

Como revela o autor, o ensino transmitido aos alunos é pautado pela linearidade e objetiva reforçar a ideia de que na História não precisa ser discutida, apenas “aprendida” para que os mesmos utilizem os conteúdos vistos em sala durante as avaliações ou trabalhos solicitados, tornado assim o conhecimento sobre a disciplina um bem utilizado apenas na sala de aula e não discutido pelos educandos na sociedade, o que efetivamente traria mais resultados, tanto para o aluno como para aqueles que permeiam o seu convívio.

Entende-se por essa forma de ensino de história atrelado a “repetição de nomes e datas” a falta de credibilidade dada aos fatos históricos e contemporâneos, e a desvinculação de debates que poderiam dar luz a certos problemas, caso fossem trabalhados de forma conjunta, no envolvimento da escola, alunos, professores e a comunidade.

Tais afirmações se baseiam na análise do plano de curso da disciplina de História do Ginásio Municipal João José Batista, que data do ano de 2011, mas está sendo utilizado no ano de 2013. O plano de curso é dividido por mês letivo e apresenta o conteúdo a ser estudado, os objetivos, a metodologia e a forma pela qual os alunos serão avaliados.

Para a análise foram escolhidos os conteúdos estudados no mês de março de 2013, período em que se realizou a aplicação dos questionários com os discentes. Para cada plano de curso foi escolhido apenas uma unidade, para que se realizasse uma análise mais detalhada, a qual será apresentada mais adiante.

Outro fator preponderante na relação do ensino de História é a condição do professor. Munhoz (1994) chama atenção para a má remuneração a que está submetido, este profissional, que ver-se forçado a ministrar aulas em diversas escolas, o que efetivamente prejudica a qualidade das aulas, pois o mesmo não terá tempo de planejar adequadamente um

conteúdo e não terá motivação para propor atividades extraclases ou que envolva maior tempo da sua atenção.

Outro dado importante é a situação degradante de crescente proletarização do professor, devido ao constante arrocho salarial a que está submetido. Para garantir sua sobrevivência e a de sua família, o professor ver-se forçado a ministrar um número absurdo de aulas, ficando assim impedido de atualizar-se e até mesmo preparar bem as aulas (MUNHOZ, 1994, p.67).

Possivelmente seja este um dos principais problemas enfrentados pela educação na atualidade, onde o professor está cada dia menos valorizado e precisa de alguma forma, aumentar a renda familiar, o que gera sobrecarga de trabalho e desmotivação no ambiente escolar, que na melhor das hipóteses, sempre acaba afetando direta ou indiretamente o alunado.

Como é o caso da professora Ana Paula da Rocha, que possui Licenciatura Plena em Normal Superior – Universidade Estadual do Piauí – UESPI (2005) e Especialização em Psicopedagogia Institucional e Clínica – Faculdade de Educação Montenegro – 2010.

Ana Paula leciona História há dois meses no Ginásio Municipal João José Batista, em uma turma de 6º ano com carga-horária de 20 horas semanais, (16h em sala e 04 para planejar as aulas). A professora afirma não ter experiência na área, mas busca se atualizar na disciplina. De acordo com a mesma as últimas capacitações que participou foram realizadas pela escola onde trabalha durante os planejamentos, como seminários e palestras. “A última especialização que participei foi em Educação Física nas escolas”. Essa situação vivenciada por Ana Paula é comum em todo o Brasil, onde professores são obrigados a lecionar disciplinas diferentes da sua formação. Verifica-se tal procedimento até mesmo no Ensino Superior.

A professora trabalha com 75 alunos, além da disciplina história, ministra ainda Ciências e Educação Física. Não se ocupa de função administrativa e não trabalha em escolas particulares. Quanto ao planejamento, a docente explica que na escola onde trabalha este é realizado mensalmente por uma equipe de coordenadores. Durante a semana, no horário Pedagógico, se reúne os demais docentes para trocar ideias, opiniões e experiências.

Ana Paula define o a História da seguinte forma:

Procura perceber o modo como às pessoas viviam nos tempos antigos e como vivem hoje, bem como a relação entre aqueles tempos e os tempos

atuais, ou seja, a História estuda o tempo passado e o presente. A História é o estudo do homem no tempo⁴.

Ao comparar esta definição de História feita pela professora Ana Paula em relação ao entendimento dos alunos sobre o objetivo da disciplina, percebe-se que houve uma repetição de fala, onde os discentes reproduziram de forma espontânea aquilo que estão aprendendo em sala de aula. Ao atribuir ao ensino de História como algo que estuda o passado para conhecer o presente é algo simplista e não desperta, como se pode observar, nenhum interesse nos alunos pelo debate e pelo conhecimento histórico. Vale ressaltar, que não se pretende fazer aqui uma crítica aos professores, mas analisar em um contexto mais amplo, qual tipo de ensino está sendo repassado em sala de aula.

Cabrini (2004) salienta que, na sala de aula existe uma repetição de discursos, onde se atribui ao professor e livro didático a responsabilidade de repassar a história a ser ensinada e os fatos mais relevantes a ela atribuídos. A autora argumenta que os conteúdos apresentados aos alunos não dizem respeito a sua realidade, mas reproduzem uma forma de ensino já cristalizada, onde não cria o novo, apenas se repete o já criado.

Essa cristalização do ensino e as formas “fechadas” de se repassar os conteúdos é o que mais prejudica o educando, pois ao manter um esquema no modo de transmitir tais assuntos, alguns educadores ao invés de promover debates com os alunos sobre determinado acontecimento, acabam, mesmo que involuntariamente, interrompendo que os mesmos aconteçam, onde sempre quem mais perde é a sociedade.

Ao repassar conteúdos que não dizem respeito ou não têm qualquer semelhança com o cotidiano do aluno, os educadores tornam o interesse pela disciplina ainda menos atrativo, gerando assim desinteresse e em alguns casos, desestimulando o educando a prestar atenção durante as aulas, pois o mesmo não se sente motivado a estudar algo que, para ele, não venha interferir em nada na sua vida.

A professora Marcélia dos Anjos Lopes Barros⁵, é formada em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI, e atua há 12 anos no magistério e durante esse tempo ministrou diversas disciplinas nas mais variadas séries escolares. Mas, como professora de História, área na qual é licenciada, ministra aulas há apenas há dois anos, e paralelamente ministra também aulas de matemática.

⁴ Ana Paula da Rocha, professora. Moradora na cidade de São João da Canabrava. Entrevista concedida a Antonio Rocha de Sousa no dia 15 de maio de 2013.

⁵ Marcélia dos Anjos Lopes Barros. Moradora na cidade de São João da Canabrava. Entrevista concedida a Antonio Rocha de Sousa no dia 26 de junho de 2013.

Marcélia é especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade Montenegro. Possui uma carga horária de 20 horas semanais, sendo que 16h em sala de aula e 04h para horário pedagógico. A docente explica que leva bem mais tempo na elaboração das duas aulas. “Na verdade eu levo muito mais tempo planejando aulas na minha casa, com leitura de textos, pesquisas na internet”, explicou. Além do Ginásio Municipal João José Batista, em São João da Canabrava, Marcélia é professora também na unidade escolar Estela Nunes em Bocaina – PI, onde ministra aula de matemática e ciências naturais.

No questionário realizado com os alunos do 6º ao 9º ano, verificou-se que a grande maioria não se interessa pela disciplina de História, e optam pela Língua Portuguesa e Matemática, pois, de acordo com os respondentes dos questionários, facilita a compreensão das situações vivenciadas no cotidiano. Desta forma, fica subentendido que os temas propostos nos currículos e os assuntos discutidos em sala de aula não dizem respeito à realidade do aluno, e por isso não conseguem captar a sua atenção.

Essa forma de ensino gera um descontentamento entre os educandos, que por sua vez, solicitam conteúdos que lhes digam algo, falem sobre a sua vida cotidiana, pois desta forma se sentirão motivados a prestar atenção nas aulas. Cabrini (2004, p. 21), explica que:

Em outras palavras, os alunos reclamam uma história que, para eles, tenha a ver com o seu presente, com a realidade que conhecem um pouco mais de perto. No entanto é uma história acabada, “verdadeira”, cujo conteúdo parece distante no tempo, que é apresentada aos alunos. Não parece necessário que eles a repesem: é aceitá-la e consumi-la, quem sabe pra quê?

Observa-se que esse tipo de ensino não estimula o aluno de refletir sobre a sua realidade, pois ao tempo em que traz assuntos diversos e alheios a sua realidade, não o permite levantar questões sobre a sua realidade. Para a autora, a forma como se dá a transmissão de conhecimento não incentiva o educando a se posicionar diante da sua vivência social e familiar, visto que, não é necessário interpretar, apenas “decorar” o que foi dito em sala.

Nota-se, de acordo com os questionários aplicados com os educandos, que o ensino de História, na escola ora pesquisada, não está alcançando os objetivos propostos no Projeto Político Pedagógico, pois ao invés de proporcionar uma discussão sobre os conteúdos repassados em sala de aula, o ensino está sendo realizado com baixa participação dos educandos.

Para um aluno do 8º ano, estudar História significa “estudar o que já aconteceu, ou está acontecendo”⁶. Essa resposta faz refletir sobre a ideia incutida na cabeça dos alunos que História diz respeito, sobretudo, aos fatos do passado. Em outro questionário, uma aluna 9º ano, afirma que: “o objeto da História é estudar o passado e o presente, sem fazer qualquer conexão entre ambos”⁷. A partir destes e de outros questionários, evidencia-se que para a maioria dos alunos o ensino de História está atrelado à ideia de “coisa do passado”, o que já aconteceu e foi de certa forma, importante.

1.2 Ensino de História: tendências e concepções

Kátia Abud (2005) explica que a forma como é transmitido o ensino de história não é aleatório ou desprovido de intenções específicas. Para a autora, os currículos escolares e programas implantados desempenham um poderoso instrumento de intervenção do Estado na formação dos alunos, ou seja, a formação dos diversos grupos está diretamente ligada às intenções do Governo, assim a atuação política dos cidadãos estará dentro do esperado pelo Estado.

Os currículos são responsáveis, em grande parte, pela formação e pelo conceito de História de todos os cidadãos alfabetizados, estabelecendo, em cooperação, com a mídia, a existência de um discurso histórico dominante, que formará a consciência e a memória coletiva da sociedade. (ABUD, 2005, p.29).

A autora complementa que na sala de aula os conteúdos repassados aos alunos não tratam sobre as dificuldades cotidianas dos mesmos e que estes não estão esboçados nos livros justamente por ser esta a intenção de quem os produz, neste caso o Estado, de apresentar uma realidade conveniente com o seu discurso político.

A historiadora defende que na maioria dos casos os currículos implantados nas escolas públicas são responsáveis, em grande parte, pela criação do conceito de História de todos os cidadãos alfabetizados, produzindo desta forma um discurso histórico com o objetivo não de formar cidadãos, mas dominar estes, que compartilham uma memória coletiva, esta formada a partir dos desejos e convenções do Estado, que ainda se utiliza dos meios de comunicação para propagar seus ideais.

⁶ Questionário com um aluno do 8º ano.

⁷ Questionário com um aluno do 9º ano

A partir da resposta obtida de uma aluna do 8º ano por meio de questionário, pode-se perceber essa intencionalidade a qual defende Abud (2005). Indagada sobre o que significa estudar História, a estudante afirmou que: “Significa conhecer as histórias e acontecimentos importantes que ocorreram nos séculos atrás, que são muito importantes para os dias atuais”⁸. Nota-se aqui o caráter da história dos vencedores sobre os vencidos, e surge a seguinte questão: Quais seriam estes acontecimentos importantes para a História, que merecem ser estudados?

Para responder esse questionamento, Conceição Cabrini (2004) destaca que para que se possa compreender o ensino de história vigente na atualidade é necessário uma reflexão acentuada sobre o conceito atribuído a História ao qual está submetida esta forma de ensino e nos conteúdos por ele repassados em sala de aula.

Esses conteúdos “tradicionais” (que podemos acompanhar nos guias curriculares, programas e livros) procuram reconstruir uma totalidade enganosa, uma única história que se disfarça na dita “história geral”, que procura dar conta de tudo que se passou com a humanidade (CABRINI, 2004, p.24).

A autora defende que esta “História Geral” não faz sentido, pois não seria possível atribuir todos os acontecimentos históricos vistos um único ângulo, ou escrito apenas por uma única linha de pesquisa. Desta forma, a história do Brasil também não pode ser entendida como uma “bibliografia nacional”, fruto da intenção de alguns historiadores na formulação dos conceitos de nacionalismo no século XVI, que nessa linha de entendimento, poder se ter como exemplo as histórias das Américas e também do Brasil (CABRINI, 2004).

Essa concepção “nacionalista” na escrita da história pode ser entendida através das diferentes divisões a que alguns autores recorrem na sua forma de narrar os fatos passados, e que necessariamente estão subdivididos como aspectos: econômico, social, cultural, religioso, político, entre outros.

Para Cabrini (2004) uma divisão da História como se tem visto não busca facilitar a transmissão de conhecimentos, mas se firmam como modelo estanque que retém e o aprendizado. Essa forma de ensinar estaria ligada ao modelo europeu de “ver e julgar” o mundo, fazendo dessa forma a sua escrita sobre as outras sociedades.

Muitas vezes, quando se vai estudar o processo histórico de outras sociedades, é a evolução da sociedade ocidental europeia que é tomada como

⁸ Depoimento de uma aluna de História do 8º ano do ensino fundamental.

“modelo”, como ponto de referência na análise. Isto leva a apreciações, como por exemplo: “a sociedade X está atrasada ou adiantada em seu desenvolvimento”, o que deixa supor que, de uma forma ou de outra, passará pelas etapas por que passou a sociedade modelo... Setores inteiros da humanidade ficam excluídos desse processo e alguns, ao serem examinados, o são em decorrência de suas relações com o processo europeu Ocidental. (CABRINI, 2004, p. 26).

Pelo exposto acima, pode-se observar que a autora chama atenção para a forma como o ensino de História está sendo transmitido nas escolas e defende a sua reformulação, pois ao adotar uma visão “eurocêntrica” sobre os fatos históricos, estes estariam comprometidos, já que dever-se considerar cada cultura com as suas peculiaridades, o seu modo próprio de ser, e não aplicar fórmulas prontas do venha a ser uma sociedade desenvolvida.

Como por exemplo, no mês de março o conteúdo estudado em uma turma do 9º ano era a Industrialização e Imperialismo, de acordo com a descrição do plano de curso, entre os objetivos, destacam-se:

Refletir sobre as modificações existentes na situação trabalhista dos homens e mulheres; Conceituar Imperialismo; Analisar as diferenças entre Imperialismo; Colonialismo e Neocolonialismo; Compreender as relações existentes entre Imperialismo e a Primeira Guerra Mundial; Explicar os principais fatores do Imperialismo praticado pelas grandes potências; Reconhecer os avanços ocorridos na Europa ao longo do século XIX, as sociedades a aceleração industrial.⁹

A partir dos objetivos propostos acima no plano de curso, verifica-se que o ensino da história que se tem praticado nas salas de aula, em grande parte, utiliza-se de conteúdos que contemplam a história da Europa, aplicado as mais distintas sociedades, que na maioria das vezes não leva em conta a diversidade cultural, os costumes e características de cada região.

Para Schmitt (2011, p.04), mais importante do que abordar “conteúdos” de história é promover uma compreensão de tempo; desconstruindo as convenções que são colocadas como naturais; e desta forma pensar estes conteúdos dentro e fora da escola. “Principalmente para que, construindo conceitos sobre temporalidade, os/as alunos/as possam utiliza-los como ferramentas para intervir objetivamente nesse tempo histórico, sentindo-se parte desse tempo e dessa história”.

Azevedo (2011) revela que o ensino de História possui uma grade temática pré-estabelecida, e é formada a base do currículo historicamente construído. Sobre o currículo, o

⁹ Plano de Curso de História do 9º ano, mês de março de 2013.

autor revela que não possui uma visão dicotômica, e reflete sobre a sua significação na vida e nas contingências sociais.

Em relação ao currículo, gostaríamos de salientar que não estamos operando com uma visão dicotômica do mesmo como fato ou como prática. Nessa perspectiva, o currículo está em constante significação, atravessado pelos sentidos em construção e permeado pelo mundo da vida e pelas contingências sociais que o forma. (AZEVEDO, 2011, p.113).

Para Sidnei Munhoz (1994), os professores de história precisam deixar claro para os seus alunos qual é a finalidade de se estudar essa disciplina, qual a importância da mesma para a convivência em sociedade, a falta de compreensão por parte dos alunos sobre o conteúdo que é dado em sala de aula é o que gera desinteresse quando o assunto é História. “A maioria de nossos estudantes não compreende a história que estuda e nem suas finalidades. Talvez resida aí um dos principais motivos do constante desinteresse pelo estudo de História, pelo estudante de 1º e 2º grau.” (MUNHOZ, 1994, p.67).

Formado em Licenciatura Plena em Filosofia, Pedagogia e Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco e com pós-graduação em História, Sociologia e Psicopedagogia pela Universidade do Vale do Cariri – CE, o professor Carlos Leal¹⁰, atua há aproximadamente 20 anos na educação e ministra aulas no ensino fundamental II e no ensino médio na rede pública e privada. Atualmente leciona as disciplinas de Ensino Religioso, Geografia e Artes e exerce função administrativa ocupando o cargo de diretor na Unidade Escolar João José Batista, ensino médio de São João da Canabrava.

Carlos Leal define a História como: “Ciência social que estuda o passado da humanidade bem como o seu presente em vista do futuro” e afirma que é preciso buscar novas práticas educacionais que despertem no aluno maior interesse por esta disciplina. Esse assunto será tratado com maior profundidade no próximo capítulo.

A falta de interesse aliada a não discurso e ainda a não compreensão dos conteúdos de história repassados nas aulas faz com que não só os alunos percam de vista o verdadeiro motivo pelo quais se estuda esta disciplina, esse déficit de interesse possivelmente atingirá os professores, que em meio a tantos infortúnios não se sentirá estimulado ao planejar e muito menos a aplicar a sua disciplina em turmas que não querem mesmo saber de história. Vale ressaltar que essa falta de interesse não está relacionada apenas no aluno, mas também nos docentes que não se sentem motivados a dar aulas.

¹⁰ Carlos Gonzaga de Sousa Leal, professor. Morador na cidade de São João da Canabrava. Entrevista concedida a Antonio Rocha de Sousa no dia 27 de junho de 2013.

Fonseca e Silva (2010, p.24) ressalta que cabe ao ensino de História um papel educativo, formativo, cultural e político, e o seu desenvolvimento está diretamente ligado com a construção da cidadania e deste modo pressupõe diferentes espaços de produção de saberes históricos.

Desse modo, no atual debate da área, fica evidente a preocupação em localizar, no campo da História, questões problematizadoras que remetam ao tempo em que vivemos e há outros tempos, num diálogo crítico entre a multiplicidade de sujeitos, tempos, lugares e culturas (FONSECA, SILVA, 2010, p. 24).

Essa preocupação também está presente entre os professores de História do Ginásio Municipal João José Batista, contudo, ainda existe certa timidez na prática de ensino. Como se observou a partir dos questionários dos discentes e no relato dos docentes, o debate em sala de aula acontece de forma esporádica e a participação dos alunos ainda deixa a desejar. Porém, já se nota uma evolução, principalmente pela influencia dos meios de comunicação exercem no cotidiano dos mesmos.

Dentre as interrogações presentes no questionário, uma delas direcionava-se a utilização da internet para estudar e todos os alunos afirmaram que veem na “web” uma ferramenta positiva para complementar os estudos em todas as disciplinas da escola.

No entanto, foi percebido que os alunos não utilizam a internet apenas para realizar pesquisas escolares. O uso de redes sociais como, por exemplo, *facebook*, *blogs*, *you tube* é muito utilizado por eles para o entretenimento e interação social.

De acordo com Fonseca (2010), o ensino da história está relacionado também com todas as novidades tecnológicas existentes na atual contemporaneidade. Cabendo ao educador saber lidar e aproveitar o que há de novo no cotidiano nas salas de aula.

Sendo assim, um respondente do 7º ano diz que: “a internet é essencial para estudar e é muito bom para o divertimento. Eu gosto de pesquisar assuntos históricos e também aproveito para usar o *facebook* e ver vídeos no *you tube*”. A afirmação do estudante do 7º ano representa com unicidade as respostas dos outros alunos que utilizam a internet para estudar e se divertir.

CAPITULO II

O ENSINO DE HISTÓRIA NO GINÁSIO MUNICIPAL JOÃO JOSÉ BATISTA

O presente capítulo apresenta um estudo onde o objetivo é compreender como se constitui o ensino da História do 6º ao 9º ano no Ginásio Municipal João José Batista e de que forma professores e alunos lidam com os novos métodos, abordagens e fontes para a construção do conhecimento histórico. A problemática a ser abordada diz respeito ao conteúdo aplicado, as metodologias utilizadas, qual a interação entre docentes e discentes durante as aulas e como é o incentivo ao debate entre os mesmos.

De acordo com Fonseca (2010, p.24), cabe ao Ensino de História “um papel educativo, formativo, cultural e político, e sua relação com a construção da cidadania perpassa diferentes espaços de produção de saberes históricos”. Segundo o autor, a preocupação atual quanto ao ensino desta disciplina é localizar e discutir a problemática de questão do tempo presente e de outras épocas, promovendo assim um diálogo múltiplo entre sujeitos, lugares e culturas.

Após 14 anos da implantação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação – Lei 9.394/96 - (LDB) e 13 anos da divulgação dos Parâmetros Curriculares Nacionais pelo Ministério da Educação, o lugar ocupado pela História, está ligado às práticas educativas que podem ser expressas na política educacional incorporada na década de 1990. Nessa época, observava-se o contexto da globalização da economia, do desenvolvimento de novas tecnologias e a consolidação da democracia no Brasil (FONSECA, SILVA, 2010).

Nesse contexto, ao se propor estudar a prática do ensino de História do 5º ao 9º ano na escola supracitada, pretende-se promover um diálogo entre os componentes envolvidos nesta área, descortinando, desta forma, quais as peculiaridades desta prática, e como se realiza o ensino dentro o fora da sala de aula.

Azevedo e Monteiro (2013) salientam que o ensino de História está relacionado com os atores os quais fazem parte do processo de enunciação argumentativa e que por sua vez são legitimados pelo grupo social que pertencem. Desta forma, destacam que:

Não é qualquer enunciado ou qualquer forma de enunciação que podemos caracterizar como típica de uma “aula de História”, e não é qualquer aula de História que podemos definir como espaço de enunciação argumentativa, uma vez que cada ator no processo de enunciação possui um papel e uma legitimação dada e certificada pelo grupo social em que o processo argumentativo é estabelecido. (AZEVEDO E MONTEIRO, 2013, p.112).

A partir desta afirmação, observa-se que muitas vezes a forma como o ensino de História é transmitido em sala de aula não contempla o trecho acima, ou seja, não existe de fato a realização de um debate entre professores e alunos, mas, a apresentação de conteúdos sem que se faça uma desconstrução dos mesmos. Neste contexto, Azevedo e Monteiro (2013, p.114) acrescentam o seguinte: “A nosso ver, a função epistemológica essencial da História ensinada desafia o professor a buscar meios e estratégias para que o aluno olhe com estranheza para o que comumente é naturalizado e, em muitas das vezes, dogmatizado”.

2.1 Conhecendo a Ginásio Municipal João José Batista

O Ginásio municipal João José Batista está localizado na Avenida São João Batista, 911, São João da Canabrava-PI, é uma instituição pública municipal ligada a 9ª Gerência Regional de Ensino do Piauí. Foi inaugurado em 12 de novembro de 1988, construído com recursos do município de Picos e teve as suas primeiras aulas a partir do dia 05 de abril de 1989 com turmas de 1ª de 5ª série.

Atualmente na escola funciona o Ensino Fundamental I e II e o Ensino de Jovens e Adultos - EJA. A escola iniciou o ano letivo de 2013 com 320 alunos matriculados no Ensino Fundamental II, segundo a diretora Elba Janne, com as desistências ou transferências a gora conta com 302 alunos. A faixa etária varia de 11 a 15 anos, predominando o sexo feminino.

2.1.1 Estrutura Administrativa

Administrativamente a escola supracitada funciona nos turnos manhã com o Ensino Fundamental I, à tarde com Ensino Fundamental II e a noite com Educação de Jovens e Adultos- EJA. É uma escola com 21 (vinte e uma) dependências: 7 (sete) salas de aula, 1 (uma) diretoria, 1 (uma) biblioteca, 1 (uma) sala de professores, 1 (uma) sala de coordenação, 1 (um) depósito de merenda, 1 (uma) miniquadra poliesportiva, 1 (um) refeitório, 5 (cinco) banheiros, 1 (uma) área coberta para o recreio e 1 (uma) laboratório de informática com dez computadores com acesso a internet, que fica disponível para os alunos realizarem pesquisas relacionadas aos assuntos das disciplinas, este espaço é utilizado ainda para a realização de cursos básicos de computação voltados para os alunos e a comunidade.

As salas dispõem de quadro de acrílico, pincéis e apagadores que se fazem necessários para explanação dos conteúdos pelos professores em sala de aula. Nas salas, podem-se

encontrar cartazes sobre cultura, religião, história, geografia, entre outros, que são confeccionados pelos próprios alunos para apresentação de trabalhos.

Quanto à estrutura administrativa e organizacional, o Ginásio dispõe de duas diretoras, professora Marlene Maria Bezerra do Fundamental I e professora Elba Janne Lima dos santos do Fundamental II e EJA, escolhidas através de portaria pela secretaria municipal de educação. O quadro técnico-administrativo é composto por: (06) zeladores (04) vigias, (02) secretárias, (02) bibliotecários, (05) coordenadoras e um total de (15) professores. Dentre os professores (turno tarde e noite) encontramos dois professores de história, com formação superior na área, que lecionam em turnos distintos.

A Secretaria Estadual de Educação – SEDUC é a responsável pela elaboração calendário escolar, que conta com uma carga horária de (200) dias letivos, sujeitos a mudanças por parte da coordenação da escola. A escola é vinculada com a diretoria de ensino municipal e possui o conselho escolar, composto por pais, alunos e professores.

A escolha do livro didático é feita por critérios determinados pelo MEC e pela qualidade do material observada pelos professores. A biblioteca é aberta durante a semana, e possui um acervo de 1733 exemplares.

Cerca de 80% dos professores que atuam na escola são graduados e alguns possuem especialização na sua área de estudo. Os demais são celetistas que ainda não se graduaram. De acordo com a diretora, bimestralmente a escola desenvolve projetos culturais para os alunos, objetivando promover a integração da comunidade escolar, dentre as atividades realizadas destacam-se: palestras, danças, oficinas e apresentações.

2.1.2 O planejamento escolar

O planejamento com os professores acontece uma vez por mês e tem como foco a discussão de conteúdos e metodologias, como também o aperfeiçoamento das práticas de ensino. Os planejamentos ocorrem no período de um dia e conta com a presença de todos os professores do município, e divide-se em dois momentos, o primeiro com temas gerais e o segundo é dividido por modalidade de ensino.

No primeiro momento acontece uma reflexão sobre a prática escolar, no segundo momento são divididos turmas por área para a criação dos planos por unidade. De acordo com a professora Dorisneide, a prática pedagógica é acompanhada por trabalhos em grupos e ação-reflexão do trabalho na escola.

No que diz respeito ao apoio ao professor, a escola conta com um grupo de coordenadores pedagógicos que auxiliam na preparação de atividades e na utilização das novas tecnologias. A aprendizagem é composta por elementos que estejam presentes no dia-a-dia dos educandos. Durante o planejamento, que é realizado durante o dia inteiro são reservados espaços que possibilitam a análise dos materiais que poderão ser utilizados nas aulas.

A avaliação dos alunos é mensal, e são avaliados tanto de forma quantitativa como qualitativa. Entre provas objetivas, seminários e atividades complementares, ao todo, são 08 (oito) avaliações durante o ano. A avaliação é realizada pelos professores e tem o valor quantitativo de 0 (zero) a 10 (dez) pontos. Sendo que bimestralmente são realizados simulados que valem 3 (três pontos) adicionais para todas as disciplinas.

Levará em conta o marco legal que recomenda a adoção de critérios quantitativos e qualitativos e a relevância destes sobre aqueles, A promoção do aluno dar-se-á no final do ano letivo conforme seu desempenho escolar e assegurando uma frequência mínima de 75% das 800 horas de efetivo trabalho escolar; Ao aluno com desempenho insuficiente, será dada a oportunidade de recuperação de conteúdos, de preferência semestral ao período letivo. Concluída a recuperação, prevalecerá a nota maior soma à nota qualitativa do semestre; Ao final do ano, o aluno que não atingir média satisfatória, mediante recuperação paralela, será submetido à prova final equivalente a dez (10) pontos somados à nota adquirida no decorrer do ano letivo. (Avaliação do aluno, PPP, 2013, p. 4-5).

Para ser aprovado, é necessário que o aluno obtenha no mínimo, 48 pontos por disciplina no final do ano letivo. De acordo com a professora Dorisneide¹¹, são levados em consideração os seguintes critérios para a avaliação e aprovação ou reprovação do aluno, a saber: a assiduidade, bom comportamento, participação nas aulas e atividades elaboradas pelo professor ou pela escola, presença escolar igual ou superior a 75%. São realizadas também durante o ano recuperações bimestrais, e o aluno que não conseguir atingir a média poderá fazer a nona prova, que representa mais uma chance de passar de ano.

¹¹ Francisca Dorisneide de Abreu, professora. Moradora na cidade de São João da Canabrava. Entrevista concedida a Antonio Rocha de Sousa no dia 25 de maio de 2013.

2.1.3 Proposta Politico-Pedagógica

De acordo com dados do Plano Político-Pedagógico, a rede municipal de ensino de São João da Canabrava é constituída por 19 unidades escolares, sendo uma localizada na zona urbana e 18 na zona rural. Com matrícula de 1.158, assim distribuídos: Educação Infantil 187 alunos, Ensino Fundamental anos iniciais, 580 alunos; Ensino Fundamental anos finais, 317 alunos, EJA - Fundamental segundo segmento 83 alunos; os quais são assistidos por 01 supervisor, 05 coordenadores pedagógicos e 08 diretores.

Segundo o plano, a atual Proposta Pedagógica objetiva nortear as ações da educação no município e servir de suporte para que os coordenadores possam ter na proposta um subsídio para a tomada de decisões no que se refere ao processo ensino aprendizagem.

Com a ampliação do ensino fundamental para nove anos, foram feitos os ajustes necessários tanto na matriz curricular como nas práticas de educação, de modo especial nos conteúdos, sem provocar nas crianças rupturas e impactos negativos no se processo de escolarização. As mesmas foram incorporadas numa nova visão pedagógica a qual possibilitará a essa demanda, uma interação entre as diversas áreas do conhecimento e aspectos da vida cidadã como conteúdos básicos para a constituição de conhecimentos e valores. Para a correção de fluxo, a implantação dos programas Se Liga e Acelera, visa corrigir num período curto de tempo a distorção idade-série para que os alunos do programa sejam promovidos para a série correspondente a sua idade. Quanto à EJA, a mesma vem acontecendo em algumas escolas do município, priorizando uma educação que atenda às expectativas da clientela, reconhecendo seus valores, suas histórias de vida e o desejo de estudar (PPP, 2013, p. 3).

Consta no projeto que, a execução desta Proposta, viabilizará aos alunos da rede municipal um ensino de qualidade e uma educação integrada à comunidade. Quanto aos professores, os mesmos terão a oportunidade de serem assistidos por um programa de formação continuada para cada vez mais desenvolverem um trabalho que garanta a educação de qualidade tão ansiada por todos.

Na sua justificativa, o Projeto defende que ao adotar um sistema de gestão educacional democrática e igualitária, significa envolver os gestores, corpo docente, pessoa-administrativo, pais e comunidade no processo. Dessa forma todos serão sujeitos na tomada de decisões e na elaboração das ações que visem o pleno desenvolvimento do educando, como pessoas capazes de atuar com dignidade na sociedade, com pleno domínio das competências que lhe darão direito à igualdade no mundo competitivo em que vivemos.

Baseado nessa proposta, o Projeto Político Pedagógico também uma série de objetivos para determinar o foco de atuação. Tanto os objetivos gerais como os específicos dizem respeito ao ensino de uma forma geral que se deseja praticar no município. Sendo eles:

Objetivos gerais: Garantir ao aluno a sua efetiva participação na construção do conhecimento através do processo de ensino aprendizagem com qualidade; Adotar significativas práticas pedagógicas que realmente facilitem a aprendizagem do aluno consubstanciadas nos princípios da ética, solidariedade, diversidade e cooperação; Integrar os pais e a comunidade local à escola; Formar cidadãos cada vez mais preparadas para o pleno exercício da cidadania; Garantir o acesso a todas as crianças em idade escolar; Aplicação do currículo escolar voltado para o ensino fundamental de nove anos; Expandir a oferta do Ensino Infantil às todas às crianças de 03 anos de idade; Interferem na prática do professor? Além dos seguintes objetivos específicos: Promover Estudos sobre o Regimento Interno e o Conselho Escolar; Assegurar ao processo ensino-aprendizagem a qualidade necessária através da capacitação dos atores envolvidos; Integrar a comunidade à Proposta para um melhor conhecimento da realidade e contextualização da ação e dos atores; Promover o crescimento pessoa e a melhoria da capacidade de refletir e de agir das pessoas envolvidas na execução da Proposta Pedagógica; Garantir as crianças de seis anos de idade o ingresso no primeiro ano de ensino fundamental de nove anos; Aumentar progressivamente o numero de matrículas de crianças (PPP, 2013, p. 4-5).

Quanto à avaliação do próprio PPP, a mesma se apresenta da seguinte forma:

Anualmente a equipe fará uma síntese dos objetivos e metas traçadas para esse período como quem constrói a árvore dos erros visando reforçar os pontos fracos; haverá discussão em grupo, dos sucessos e fracassos identificados no decorrer do período em análise e replanejamento para inclusão de ações reparadoras, de acordo com as mudanças que forem surgindo; (PPP, 2013, p.12).

2.2 Professores e alunos: O Ensino de História na prática:

De acordo com Soares (2008, p.23). “É na sala de aula que se realiza a produção de sentidos daquilo que se quer ensinar”. Entende-se que é na sala de aula onde professores e alunos promovem de fato, independentemente da intensidade com que isso ocorra, o sentido do conhecimento histórico, pois este é um espaço privilegiado para interações e troca de conhecimentos.

Neste cenário, buscou-se evidenciar neste trabalho monográfico, e mais uma vez vale ressaltar que o seu objetivo principal e identificar a forma como o ensino de História é praticado nas turmas de 5º ao 9º ano no Ginásio Municipal João José Batista. Para tanto,

segue abaixo a análise das respostas obtidas nos questionários aplicados com estes alunos. Análise esta, que por motivos éticos preservará a identidade dos respondentes por serem menores de idade. Para melhor compreensão, cada tema do questionário será apresentado separadamente.

- Análise do questionário tema I: Quem é você?

Como já exposto, os questionários foram aplicados com 20 alunos, entre eles: 13 do sexo feminino e 7 do masculino. Dos estudantes analisados cinco deles estão inseridos no 6º ano de Ensino, cinco no 7º, cinco no 8º e cinco no 9º ano. Os alunos que participaram desta pesquisa estão inseridos numa faixa etária de 10 a 14 anos.

Dos 20 respondentes desta pesquisa, todos responderam as cinco¹² indagações presentes no tema I.

Ainda na análise do tema: Quem é você? Outra pergunta exposta indagava-os quanto à organização/ à disciplina do estudo escolar, e foi constatado que a metade dos respondentes separa 1h de estudo para cada disciplina diariamente. Já os demais, estudam apenas de acordo com a necessidade escolar.

Para Cabrini (2004) a questão do ensino da História e do interesse do aluno pelo constante estudo e aprendizado da disciplina não é responsabilidade apenas do educar. Mas também o sistema social como agente da educação. De acordo um estudante do 9º ano, “a organização escolar é bom porque evita o acúmulo de matérias e assim fica mais fácil para acompanhar os conteúdos que a professora está repassando”. No entanto, um estudante do 6º ano afirma que: “estudo apenas de acordo com o que tem para fazer durante o dia de aula na escola, assim evito me confundir com tantos afazeres escolares”.

Sendo assim, os alunos também se deparam nesta pesquisa feita em questionário sobre as disciplinas/ as matérias escolares que mais gostam. A indagação exposta aos estudantes trouxe respostas díspares, mas a matemática foi à matéria mais requerida pelos respondentes e depois desta, houve respondentes que afirmaram gostar de todas as disciplinas escolares.

“Gosto da matemática porque é mais útil no nosso dia a dia”, afirmou um estudante do 8º ano. No entanto, para um estudante do 9º “todas as disciplinas escolares são essências para

¹² As interrogações 1 e 2 do questionário tema I: Quem é você? Estão direcionadas a saber a identidade do respondente, escola, faixa etária e série escolar. Porém, por serem menores de idade, não será revelado nesta análise o nome dos alunos.

o aprendizado e eu tenho facilidade com todas elas – desde português a inglês”. Mesmo assim, houve alunos que afirmaram gostar de História e Português, Ciências e Geografia.

Abud (2005) relata que o ensino da história desde os primórdios dos patamares escolares sempre esteve ligado à questão do “decoreba”. Isso se deve pela influência do ensino Jesuíta que não estimulava e muito menos permitia o confronto dos assuntos repassados. No entanto, mesmo com o avançar das práticas pedagógicas sabe-se que a classe discente ainda utiliza da “decoreba” para o estudo de disciplinas como História, Geografia, Português e Ciências.

Segundo a professora Dorisneide, “os alunos do 6º ao 9º anos são participativos na disciplina de história, mas sempre no período das avaliações eles decoram o conteúdo”. Na análise do tema I: Quem é você? Percebe-se que pontos em comum entre os respondentes desde a faixa etária, escola, acesso a internet e até mesmo na organização do estudo. A grande diferença está centralizada no gosto das disciplinas escolares, onde as matérias da área de humanas tiveram pouca aceitação.

Soares (2008, p.24) defende que o professor possui um papel importante desde a elaboração do currículo da disciplina e desta forma é um agente mediador na sala de aula. Portanto, a efetiva produção do conhecimento requer a elaboração de um currículo que busque integrar o campo teórico com o campo da prática. “Considero que o professor ocupa papel de destaque na ação produtiva do currículo, enquanto agente mobilizador de saberes e práticas curriculares para o ensino de uma dada disciplina escolar”.

- Análise do questionário tema II: Por que estudar História?

A segunda divisão temática do questionário aplicado trouxe respostas mais unificadas. Mesmo que a disciplina de História tenha sido pouco citada como a preferida, os 20 alunos responderam todas as nove indagações presentes nesse eixo temático. A primeira interrogação presente no tema II faz referência ao significado de estudar História e em comum pensamento todos os respondentes disseram que estudar História significa estudar e compreender o passado da sociedade.

“Estudar a História significa compreender o que aconteceu ao longo do tempo e assim podemos conhecer o que somos e o que fazemos na atualidade”, explicou um aluno do 8º ano. Os alunos em todas as nove perguntas que responderem fizeram uma forte ligação do estudo da História com o passado.

Numa outra indagação que se referia ao que se estudava em História e eles afirmaram que era estudar o passado na grande maioria das vezes, mas também disseram que era estudar o passado e o presente para compreender o futuro da humanidade.

Para Munhoz (1994) a História estuda o passado majoritariamente, no entanto ela não deve ser analisada e estudada com esse único objetivo. Pois, estuda-se o passado para compreender e fazer uma correlação com o presente e em algumas ocasiões com o futuro. Para o autor, o estudo História de maneira reflexiva e compreensiva contribui para o senso crítico e analítico das pessoas.

“Na história a gente estuda o que passado e o presente, mas é claro que o passado é o mais estudado, sempre!”, explicou um aluno do 6º ano. Já um aluno do 9º ano afirmou que: “estudar história é conhecer a relação passado e presente”. Segundo os respondentes desta pesquisa os professores de história na maioria das vezes ensinam o conteúdo fazendo a relação passado-presente, mas há ocasiões que explicam apenas o contexto histórico da época do acontecimento sem fazer analogias com a atualidade.

Sobre a forma como o ensino é transmitido, Martins (2010) lembra que a intervenção do professor é fundamental no que diz respeito a atribuir um sentido ao ensino de História, pois, embora se apresentem muitas narrativas, cabe ao professor à escolha daquela que melhor se encaixe nos objetivos que pretende alcançar. O autor destaca que:

A história escolar perde o sentido sem a intervenção do professor, pois é ele o responsável por atribuir sentido ao ensino de história, através de suas narrativas. Embora haja um leque de opções de narrativas a serem elaboradas, cabe a ele introduzir àquela que atenda aos objetivos do ensino de história: tornar acessível aos alunos o conhecimento constituído sobre as sociedades e ações humanas do passado, possibilitar a leitura de textos e imagens, a escrita de suas apropriações-aprendizagens, a (re) construção de representações, selecionar quais saberes, quais narrativas, quais poderes legitimar ou questionar. (MARTINS, 2010, p. 03).

A professora Ana Paula, do Ginásio Municipal João José Batista, sempre “que possível tento fazer um paralelo dos conteúdos do passado com a relação do presente, mas há ocasiões que o paralelo não é possível”.

Quanto aos assuntos históricos que os alunos estavam estudando na época de aplicação deste questionário foram: Industrialização, Segunda Guerra Mundial, Feudalismo, Imperialismo, Colonização do Brasil, os Africanos, Revolução Industrial e todos afirmaram gostar do assunto que estavam estudando, exceto um aluno que informou não gostar do assunto relacionado ao Feudalismo.

A interrogação final do questionário tema II: Por que estudar História? Está relacionado ao trabalho dos professores de História na sala de aula e todas as respostas foram positivas, afirmando que os educadores sabem repassar o conteúdo com criatividade fazendo com que os alunos compreendam o conteúdo.

“Ela trabalha muito bem, e nós podemos aprender muito mais com dinâmicas, aulas em círculo, slides repassados em data show”, explicou um estudante do 9º ano. Nesse sentido, Cabrini (2004) ressalta que mesmo com as adversidades do ensino sempre é favorável e requerível que o educador opte pelas mais diversas maneiras de repassar o ensino, pois combater a monotonia de ensino contribui para um aprendizado entusiasta. Na análise do tema II desta pesquisa, os alunos mostram um parecer positivo e entusiasta quanto aos motivos/ os porquês de estudar a História quanto disciplina escolar.

- Análise do questionário tema III: Como você se posiciona frente ao ensino História?

A terceira divisão temática dos questionários aplicados aos 20 alunos do Ginásio João José Batista de São João da Canabrava tornou-se a parte mais complexa da pesquisa tudo por que das 11 indagações que compõe o tema III dos questionários não foram respondidas por todos os estudantes que tiveram contato com pesquisa. As questões 6, 7 e 11¹³ não foram respondidas por seis alunos e isso não se sabe se foi por não saberem do que se tratava ou porque não quiseram responder.

Sendo assim, a primeira, segunda, terceira, quarta e quinta pergunta do eixo temático III tiveram como resposta comum sempre a questão do passado como fator predominante da História quanto disciplina escolar. A primeira indagação refere-se a como definir História e todos afirmaram que História é estudo do passado. “Estudar História é estudar os fatos que ocorreram e ainda estão ocorrendo”, resposta de uma aluna do 9º ano a primeira pergunta do tema III do questionário

Na segunda pergunta, os alunos foram interrogados quanto ao objeto da História e em comum acordo todos afirmaram que o objeto da História é o passado. De acordo com Azevedo (2011) o passado é o fator constante na História, mas classe docente deve desmitificar essa relação conceitual e objeto de estudo pura e unicamente com o passado. Para um aluno do 7º ano, “a história desde que estudo nas escolas só repassa conteúdos que já passou e difícil estudar história observando um fato do presente”.

¹³ 6- O que é tempo historiográfico? 7- O que é documento histórico? Dê exemplos? 11- O que você acha do projeto “Primeiro Aprender”? Será que este projeto ajuda os alunos a interpretar a história?

Em uma análise sobre dois manuais de História, Munakata (2004, p.520) cita o seguinte trecho de uma Carta de Carta de Américo Jacobina Lacombe a Gustavo Lessa:

Todo mundo sabe que o horror despertado pela História do Brasil vem da insistência em acontecimentos que não despertam nos alunos a menor emoção. Capitâneas Hereditárias são palavras fatídicas que fazem perder a alegria a muita criança. Quando queremos exemplificar o tédio provocado pelo mau ensino de nossa história, a primeira coisa que nos ocorre é a lista dos comandantes holandeses. Quando se vai podendo apelar para uma iconografia mais abundante (...) e para fatos mais citados na conversação habitual, é muito mais fácil – e mais conveniente – aprofundar-se o estudo¹⁴.

No trecho da carta que data de 01 de dezembro de 1953, já se percebe uma preocupação com o fato de o ensino de História está atrelado a conteúdos do passado, e desta forma não despertaria qualquer interesse nos educandos, ao contrário disto, se tornaria fatídico e enfadonho. Nota-se ainda, o despertar para a utilização de novas abordagens no ensino, como a utilização de iconográfica.

Quanto ao papel social do historiador, terceira pergunta do questionário, todos os respondentes disseram que o historiador tem o papel de explicar/contar o passado para que a população entenda o presente. Uma aluna do 9º ano respondeu que: “Investigar e ensinar a ação do homem no passado, assim como refletir sobre as consequências que isso nos causa hoje em dia, tentando melhorar pontos negativos”. Para Nadai (2009), é fato que historiador deve recontar o passado, mas, sobretudo deve estimular a criticidade dos educandos com os acontecimentos passados e presentes.

A professora Marcélia Barros corrobora com essa visão e ressalta que o “papel do Historiador é ajudar os educandos a compreender a história, incentivando-os a tornarem-se sujeitos de sua própria História”. Entende-se por tal afirmação, que a função do historiador é despertar o senso crítico dos alunos, para que os mesmos possam atuar como agentes de transformação social.

No tocante a quarta indagação, perguntava-se para que serve a História ensinada nas escolas. E os respondentes também informaram que a História ensinada nas escolas serve para que os alunos saibam o passado da humanidade e assim, possam entender também o presente. A quinta interrogação está relacionada à questão da História ser ficção do passado ou realidade e nesse desenrolar a maioria respondeu que a História é a realidade, apenas poucos afirmaram acreditar ser ficção do passado.

¹⁴Munakata apud (Carta de Américo Jacobina Lacombe a Gustavo Lessa, de 1/12/1953).

De acordo com a professora Dorisneide:

O papel de ensinar a história para os alunos vai muito mais além do papel de fazer com que eles entendam o passado, mas representa uma necessidade de transmitir o conteúdo histórico para que eles tenham criticidade a cerca do percurso histórico que a sociedade vive ou já viveu¹⁵.

Já a sexta interrogação foi respondida por poucos e fazia alusão à definição de tempo historiográfico e os respondentes disseram ser um tempo que já passou e que serve para contar a história. Quanto à sétima pergunta, que se refere ao conceito de um documento histórico, poucos responderam e os que se pronunciaram afirmaram ser um documento que comprava a história que aconteceu.

No tocante a exemplos de documentos históricos eles citaram como exemplos, fósseis, documentos, fotografias, mapas e livros antigos. Para o aluno do 9º ano do Ginásio Municipal João José Batista, “documento histórico é tudo que prova o que acontece e o que aconteceu”.

A oitava indagação da questão do eixo III do questionário destinava-se, a saber, se os alunos gostavam dos livros didáticos ou se utilizavam outras leituras. A maioria afirmou gostar de utilizar os livros didáticos porque abordam muitos conteúdos e apenas pouco disseram optar por leituras avulsas.

Nesse mesmo desenrolar, aplica-se as respostas da questão nove direcionada a saber se os alunos gostam da forma de como os autores dos livros didáticos trabalham a história, onde os que responderam afirmaram gostar por ser muito descritivo. No que tange a forma de avaliação na disciplina de História localizada na décima questão, os alunos informaram que são avaliados por meio de provas, trabalhos individuais e em grupo.

Para Abud (2005) os livros didáticos atualmente desempenham um fator decisivo para capturar a atenção dos alunos/estudantes de história. Atualmente eles estão mais dinâmicos, práticos e ilustrativos. Dando ao leitor mais exemplos e visualizações do que se estuda.

Já na décima primeira e última pergunta de todo o questionário foi respondida por poucos que disseram apenas conhecer o “Projeto Primeiro Aprender” e outros informaram apenas não conhecer e o restante não respondeu.

Ao analisar os questionários aplicados em sala de aula, percebe-se que vários alunos definem a História como algo que estuda o passado para compreender o presente, isso de

¹⁵ Francisca Dorisneide de Abreu, professora, 35 anos. Moradora na cidade de São João da Canabrava. Entrevista concedida a Antonio Rocha de Sousa no dia 25 de maio de 2013.

forma cronológica e compacta, como se os processos envolvidos nos fatos históricos não representassem nenhuma divergência e pudessem ser descritos de forma linear.

Indagada sobre a importância de se estudar História, uma aluna do 7º ano respondeu da seguinte forma: “Uma matéria que é importante para o nosso futuro” e define como sendo uma disciplina cuja função primordial seria estudar os fatos do passado para assim entender o presente.

Ao taxar o ensino de História como algo que estudo do passado para conhecer o presente é algo simplista e não desperta, como se pode observar, nenhum interesse nos alunos pelo debate e pelo conhecimento histórico. Vale ressaltar, que não se pretende fazer aqui uma crítica aos professores, mas analisar em um contexto mais amplo, qual tipo de ensino está sendo repassado em sala de aula.

Para a professora Dorisneide, “O papel do historiador é de investigar, estudar aquilo que aconteceu com os seres humanos no decorrer do tempo, ou seja, estudar o passado da humanidade”¹⁶.

2.3. Desafios e novos horizontes para o ensino de história

Em meio aos problemas enfrentados por aqueles que se destinam a ensinar e aos que querem aprender a disciplina de História, existem muitos desafios a serem vencidos e novos horizontes que precisam ser pensados e traçados, para que o ensino de História passe a ser visto como conteúdo necessário à formação de cidadãos e não apenas “aquilo que se decora para passar na prova”, como alguns autores apontam.

A professora e pesquisadora Elza Nadai (2009), aponta que entre os muitos desafios vivenciados pela educação na atualidade, o principal deles seria manter os alunos na escola, pois este é o princípio fundamental para aplicar as demais ações a serem assimiladas pelos alunos na convivência escolar e na convivência em sociedade.

Para Nadai (2009) este princípio tem que ser levado a sério, e não se trata apenas de manter os alunos nas salas, mas promover ações que permitam a boa educação e manter a escolar acessível à população.

“Ainda hoje, portanto, um dos maiores desafios de todos os que se responsabilizam pela construção de uma escola tendencialmente aberta à maioria da população ainda é garantir a permanência dos alunos na escola” (NADAI, 2009, p. 33).

¹⁶ Francisca Dorisneide de Abreu, professora. Moradora na cidade de São João da Canabrava. Entrevista concedida a Antonio Rocha de Sousa no dia 25 de maio de 2013.

De acordo com a professora Dorisneide, o maior desafio o qual enfrenta atualmente o ensino de História é fazer com que os alunos vejam esta disciplina como importante para a sua formação. Para esta docente, os alunos, “Precisam gostar da disciplina. É preciso despertar neles a visão de que a história é uma disciplina importante como qualquer outra, como matemática e português”.

Quanto ao papel social do professor de história, para que este princípio seja alcançado, a autora afirma que não há como mensurar esta participação, pois não se pode mediar a influência do mesmo neste quesito. “Pouco sabemos, por exemplo, sobre a responsabilidade de nosso trabalho, como professores da História, no agravamento desta situação” (NADAI, 2009, p. 33).

Sobre esse aspecto, a professora Marcélia afirma que não basta criar métodos inovadores sem antes mudar a forma como os alunos veem a História, ou seja, como uma disciplina “decoreba” que só precisa ser estudada um dia antes da prova. A partir da afirmação desta docente, percebe-se que a maior carência no ensino de História no Ginásio Municipal João José Batista, se volta para a participação dos discentes em sala de aula, que pelo que se observou no discurso de todos os professores entrevistados, ainda deixa muito a desejar.

Contudo, a falta de interesse dos alunos não se reflete apenas na disciplina de história. Segundo Dorisneide, este é um problema presente em várias outras disciplinas, especialmente na área de humanas, onde a participação e o desinteresse alcançam níveis mais elevados. Temos aqui então, uma questão peculiar que ajuda a compreender a falta de interesse dos alunos, não só pela história, como também por outras disciplinas.

Outro problema identificado na prática de ensino diz respeito ao uso dos recursos didáticos durante as aulas de História. Segundo a professora Dorisneide, em toda a escola só existe um PC SHOW, (espécie de data show acoplado a um computador), e isso dificulta bastante a utilização deste recurso na exibição de filmes como também de aulas em que seria feita exposição do conteúdo através de slides.

Indagados sobre como “driblar” esses empecilhos, a resposta dos professores foi basicamente à mesma: Buscar novas formas de repassar o conteúdo e desta forma desperte nos alunos um maior interesse pela disciplina. Mas qual seria o caminho a percorrer? Como despertar nos alunos a vontade de aprender História? O professor Carlos Leal aposta na pedagogia dos projetos, e principalmente nas aulas de campo, que faça com que os discentes vejam a realidade e não fique apenas na discussão teórica proposta pelos livros.

Acredito que uma forma de despertar o interesse dos alunos pela disciplina de História seria proporcionar aos mesmos aulas diferenciadas, como por exemplo, visitas a museus, Arquivos Históricos, parques como a Serra da Capivara, para que vejam que a História realmente faz parte do nosso cotidiano¹⁷.

Segundo Miceli (2009, p. 51), “É necessário ter coragem de lutar de todas as formas para que na voz de seus profissionais, a História ganhe respeito e importância, mesmo quando isso pareça impossível”. Ainda seguindo o pensamento do autor citado, qualquer esforço de renovação do ensino de História depende de uma prática corajosa. Sem querer produzir mandamentos ou regras de conduta recomendável, jogar no lixo a comodidade emburrecedora de anotações amarelecidas dias após dia, classe após classe, ano após ano.

Ao analisar o plano de curso do 6º ano da disciplina História no mês de março de 2013, se observa que o conteúdo programático para ser discutido em sala de aula permite um debate voltado para a realidade do educando, contudo, a forma como acaba sendo repassado é o que o torna em muitos casos algo de difícil compreensão e acaba não despertando o interesse desejado. O plano de curso traz os seguintes objetivos:

Caracterizar o processo de mudanças ocorridas nas sociedades ao longo do tempo; Identificar os diferentes vestígios e fontes históricas com a História; Discriminar os diferentes sujeitos construtores da História; Identificar a variedade Cultural existente entre os diferentes povos do planeta; Interligar a criação tradicional dos cinco grandes períodos históricos; Metodologia: Avaliação: Aula expositiva, textos complementares, debates, quadro-síntese, Seminários, pesquisa, exercícios, Avaliação: Participação nas atividades, avaliação quantitativa.¹⁸

O que se observa neste plano de curso, e nos demais analisadas, e isso vem sendo discutido ao longo deste trabalho, é que existe ainda uma metodologia voltada para o ensino da história global, que não privilegia os acontecimentos locais/regionais, que afetam diretamente o cotidiano do educando e não contempla a sua realidade. Talvez seja esse um dos eixos que tragam uma visão negativa ao ensino de História, como, por exemplo, no seguinte trecho: “Interligar a criação tradicional dos cinco grandes períodos históricos”¹⁹. Essa visão linear da História certamente deve ser desconstruída, pois é preciso quebrar alguns paradigmas para que o conteúdo seja repassado de forma a despertar o interesse dos alunos.

¹⁷ Carlos Gonzaga de Sousa Leal, professor. Morador na cidade de São João da Canabrava. Entrevista concedida a Antonio Rocha de Sousa no dia 27 de junho de 2013.

¹⁸ Plano de Curso de História do 6º ano, mês de março de 2013.

¹⁹ Ibidem

Para que o ensino de História quebre os paradigmas vigentes e se torne agente de transformação social é necessário repensar esta disciplina não apenas nas suas formas metodológicas e nos recursos a qual a mesma esta inserida e é transmitida aos alunos. Nadai e Bittencourt (2009) defendem que é necessária uma reflexão sobre a prática de ensino, e que a mesma análise o caráter político e social desta disciplina, buscando alcançar um resultado que seja eficaz e colabore com as discussões e formas de se ensinar e aprender a história.

Repensar a História como disciplina escolar requer dos professores um momento de reflexão que envolve considerações que vão além dos conteúdos, metodologias de ensino e recursos didáticos. Trata-se de refletir sobre o sentido político e social da disciplina histórica (NADAI; BITTENCOURT, 2009, p. 94).

Pires e Sousa (2010) corroboram com este ponto de vista e também defendem uma reflexão sobre a forma de se ensinar História, pois no panorama em que se encontra a disciplina História, tornam-se necessárias a criação e adaptação de novas práticas para que os professores possam tornar as aulas mais atrativas e assim obter mais participação dos alunos. “Num contexto onde a educação passa por vários problemas estruturais, suas práticas precisam ser repensadas e melhor adaptadas” (PIRES; SOUSA, 2010, p. 01).

Contudo, como explica Cabrini (2004) não se deve pensar que para resolver o problema do ensino de História basta apenas fazer uma adaptação nos conteúdos vistos em sala de aula, ou ainda substituir uma explicação antiga por uma atualizada, substituir material didático entre outros, a questão não diz respeito somente a esses aspectos, pois o que se torna indispensável é que o professor mude a sua concepção histórica e atente pra o novo cenário de ensino ao qual está inserido. Pois mudar ou adaptar conteúdos, material didático, mas persistir com uma visão ‘eurocêntrica’ não mudará muita coisa.

O fundamental é, segundo pensamos, discutir esse eixo de concepção de história. Se não fizermos, o debate vai girar em torno de falsos problemas, como é o caso do ensino da história na 5ª série, que é colocado da seguinte forma: ou se ensina o processo pelo “começo” (ou seja, pela pré-história e antiguidade) ou se começa pelo que se acredita estar mais próximo do aluno (ou seja, pela história do Brasil). Essa discussão parece mostrar que, uma vez determinado por onde se deve começar a puxar o fio desse novelo que é o processo histórico único e europocêntrico, tudo estará resolvido (CABRINI, 2004, p.28).

Como propõe o autor, não basta buscar fórmulas prontas e acabadas, ou ainda tentar encaixar conteúdos esquemáticos e repassá-los para os alunos, pois isso não basta. O

importante é propor uma discussão em sala de aula que desperte o interesse da classe pelo ensino de História, pois esta é uma maneira de atrair a atenção e confrontar o que é visto na escola com a realidade.

Mediante circunstâncias, Soares (2008, p. 24) lembra que:

É preciso questionar todas as dimensões do currículo, da seleção de conteúdos às práticas de ensino, entre outros fatores. Desta forma, buscando ampliar referenciais teórico metodológicos para uma pesquisa sobre o tema, entendendo o currículo como significação, por meio de práticas discursivas, proponho o diálogo do campo do currículo com o campo da linguagem.

Nesse desenrolar, Fonseca e Silva (2007, p.31) também destacam o seguinte:

Os desafios e as perspectivas do ensino e aprendizagem de História convergem no sentido de assegurar que seja uma experiência gratificante para professores e alunos nas diferentes realidades escolares. Nesse universo de ampliação de temas, problemas e fontes, devemos estar atentos para o fato de que ninguém poderá aprender nem ensinar tudo de tudo, o trabalho de selecionar é uma exigência permanente, e, nele, a figura do professor possui enorme importância.

Sendo assim, para que as novas perspectivas no ensino da História ocorram de maneira eficiente, eficaz e que a acima de tudo seja efetivo faz-se necessário agir para:

[...] romper com uma maneira tradicional de conceber conhecimento, sua produção e sua transmissão. Isto significa, para mim, em primeiro lugar, o posicionamento no presente, para sermos coerentes com a postura de “sujeitos da História”. Se queremos avançar nesta perspectiva temos de nos considerar como “produtores” nesta sociedade que queremos democrática e não como simples repetidores e reprodutores de concepções ultrapassadas (FENELON, 1982, p. 25).

É com essas conjunturas e pensamentos, finaliza-se essa temática destacando que:

Queremos ressaltar que a questão não é tão-somente qual conteúdo de história tratar, mas, sobretudo, como trabalhar esse conteúdo. É preciso que fique claro que, quando dizemos que se deve abandonar as divisões tradicionais da dita história geral (antiga, medieval, moderna e contemporânea), não queremos dizer que não se deve tratar como objeto de estudo nada do que elas abordam. [...] Não adianta dar um chute no conteúdo tradicional, se não se colocar algo muito importante no seu lugar; ou seja; garantir, por parte de seus alunos, a produção de uma reflexão de natureza histórica. Isso assim colocado fica muito geral e abstrato e precisa ser bem compreendido. É também preciso que iniciemos o aluno no fato de que o conhecimento histórico é algo construído a partir de um procedimento

metodológico; em outras palavras, que a história é uma construção (CABRINI, 2004, p, 28 – 29).

Vale ressaltar que a falta de interesse apresentada pelos alunos em relação ao ensino de história pode está atrelada pela vivencia ao longo da vida escolar, onde os mesmos não foram, ou caso tenham sido, não desenvolveram uma cultura participativa, ficando atrelados apenas a formas de aula expositivas e decorativas. É válido afirmar que não se pretende aqui responsabilizar A ou B pela forma como o ensino fora transmitido ao longo desse tempo, contudo não se pode negar a responsabilidade de cada um dos agentes, como educadores, diretores, pais e os próprios alunos neste contexto.

A partir da experiência adquirida durante esse trabalho monográfico, torna-se ainda mais evidente que a missão do professor é ajudar os alunos a entenderem a História, e assim possam desenvolver um senso crítico a respeito dos conteúdos aplicados em sala de aula e principalmente nas situações vivenciadas no dia-a-dia no ambiente familiar e na própria sociedade.

CONCLUSÃO

Em virtude dos aspectos argumentados neste trabalho de conclusão de curso, conclui-se, portanto, que a prática do Ensino de História no Ginásio Municipal João José Batista, do 5º ao 9º, encontra-se em um processo de transformações, porém marcadas pelo predomínio de aspectos tradicionais. A análise do processo de ensino aprendizagem trouxe uma mostra de que o ensino ainda assume uma metodologia tradicional e que o ensino está centrado no professor, sem que o aluno sinta-se instrumento principal no desenvolvimento de atividades intelectuais que propiciam o seu crescimento como ser responsável na busca do saber, onde o docente assume o papel de orientador que tem a missão de acompanhar e estimular o seu interesse no processo educacional.

Por meio da pesquisa é possível afirmar que o ensino de História caminha a passos lentos, pois a forma de repassar os conteúdos e aplicar as atividades referentes aos mesmos ainda acontece como em tempos passados, uma repetição de discursos que não estimula a participação dos discentes. Por outro lado, foi possível identificar que com a maior circulação de informações, principalmente pela internet, os alunos começam a buscar novas formas de interpretação, para o conteúdo estudado em sala de aula, mais isso ainda se restringe ao grupo bastante reduzido.

Ao repassar conteúdos que não dizem respeito ou não têm qualquer semelhança com o cotidiano do aluno, os educadores tornam o interesse pela disciplina ainda menos atrativo, gerando assim desinteresse e em alguns casos, estimulando o interesse dos educandos durante as aulas) pois o mesmo não se sente motivado a estudar algo que, para ele, não venha interferir na sua vida cotidiana, no seu bairro, na sua cidade.

A falta de interesse aliada a não discussão e ainda a não compreensão dos conteúdos de história reproduzidos nas aulas faz com que não só os alunos percam de vista o verdadeiro motivo pelo qual se estuda esta disciplina, esse déficit de interesse possivelmente atingirá os professores, que em meio a tantos infortúnios não se sentirá estimulado ao planejar e muito menos a aplicar a sua disciplina em turmas que não querem mesmo saber de história. Vale ressaltar que essa falta de interesse não está relacionada apenas ao aluno, mas também nos docentes que não se sentem motivados a dar aulas.

Ao longo da análise dos questionários, pôde-se identificar que a forma como o ensino é repassado sofreu algumas alterações positivas, mas de modo geral, essas mudanças ainda são muito sensíveis e se apresentam de forma discreta.

A consciência deve ser de que o papel do educador é de renovar sua prática adquirindo uma nova postura diante da pedagogia aplicada, o que resultaria numa aprendizagem de muitos frutos, engrandecendo o aluno e o meio no qual ele está inserido. Não ficando de fora a responsabilidade da escola, através da direção, de dar suporte necessário para motivar o trabalho satisfatório.

Ao longo da análise dos questionários, pôde-se identificar que a forma como o ensino é repassado sofreu algumas alterações positivas, mas de modo geral, essas mudanças ainda são muito sensíveis e se apresentam de forma discreta. Faz-se necessário que a organização deste nível de ensino seja aperfeiçoada tendo como base as experiências que os educadores vêm adquirindo ao longo do tempo, vivenciado a realidade de cada turma. Atitudes e projetos em torno desta disciplina devem possibilitar ao educando que descubra e assuma as suas maiores deficiências no processo de aprendizagem, encontrando no educador uma forma de sanar essas dificuldades a partir de um ensino que priorize o ser cidadão e o agir na sociedade.

A consciência deve ser de que o papel do educador é de renovar sua prática adquirindo uma nova postura diante da pedagogia aplicada, o que resultaria numa aprendizagem de muitos frutos, engrandecendo o aluno e o meio no qual ele está inserido. Não ficando de fora a responsabilidade da escola, através da direção, de dar suporte necessário para motivar o trabalho satisfatório.

Em meio aos problemas enfrentados por aqueles que se destinam a ensinar e aos que querem aprender a disciplina História, existem muitos desafios a serem vencidos e novos horizontes precisam ser pensados, para que o ensino de História passe a ser visto como conteúdo necessário à formação de cidadãos.

Contudo, é imprescindível uma mudança urgente a começar pela luta por políticas públicas que favoreçam a inclusão e a permanência do aluno neste processo educacional assegurando-lhe um ambiente de troca de experiências que disponha de subsídios necessários e atuais para estabelecer objetivos concretos que o torne um ser ativo e integrado ao processo de ensino-aprendizagem.

Portanto, ao concluir este trabalho monográfico, pôde-se identificar que não basta apenas buscar fórmulas prontas e acabadas, ou ainda tentar encaixar conteúdos esquemáticos e repassá-los para os alunos. O importante é propor uma discussão em sala de aula que desperte o interesse da classe pelo ensino de História, pois está é uma maneira de atrair a atenção e confrontar o que é visto na escola com a realidade.

FONTES ORAIS:

Ana Paula da Rocha, professora, Moradora na cidade de São João da Canabrava. Entrevista concedida a Antonio Rocha de Sousa no dia 15 de maio de 2013.

Carlos Gonzaga de Sousa Leal, professor. Morador na cidade de São João da Canabrava. Entrevista concedida a Antonio Rocha de Sousa no dia 27 de junho de 2013.

Francisca Dorisneide de Abreu, professora, Moradora na cidade de São João da Canabrava. Entrevista concedida a Antonio Rocha de Sousa no dia 25 de maio de 2013.

Marcélia dos Anjos Lopes Barros, professora, Moradora na cidade de São João da Canabrava. Entrevista concedida a Antonio Rocha de Sousa no dia 26 de junho de 2013.

FONTES ESCRITAS

Lei de Diretrizes e Bases da Educação – Lei 9.394/96.

Plano de Curso de História do 6º ano, 2013.

Plano de Curso de História do 9º ano, 2013.

Parâmetros Curriculares Nacionais pelo Ministério da Educação

Plano Político Pedagógico do Ginásio Municipal João José Batista, São João da Canabrava.

REFERÊNCIAS

- ABUBUD, Kátia - **Currículos de História e Políticas Públicas: Os programas de História do Brasil na escola Secundária.** In: **O saber histórico na sala de aula** / Circe Bittencourt (Org.). 10. ed. – São Paulo: Contexto, 2005. (repensando o ensino).
- AMADO, Janaína. FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da História Oral.** – 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- AZEVEDO, **Patrícia Bastos de. História ensinada: produção de ensino em práticas de letramento** / Patrícia Bastos de Azevedo. Rio de Janeiro, 2011. 216p. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2011.
- AZEVEDO, Patrícia Bastos de. MONTEIRO Ana Maria Ferreira da Costa. **ENSINO DE HISTÓRIA: argumentação e construção de sentido na História ensinada.** Práxis Educativa, Ponta Grossa, v.6, n.1, p. 111-120, jan.-jun. 2011. Disponível em <<http://www.periodicos.uepg.br>>.
- BITTERCOURT, Circe. (Org). **O saber histórico na sala de aula** / Circe Bittencourt (org). 10. ed. – São Paulo: Contexto, 2005,. (repensando o ensino).
- CABRINI, Conceição. (et al). **O ensino de História: revisão urgente.** – São Paulo: Brasiliense, 2004.
- FENELON, Déa Ribeiro. **A formação do Profissional de História e a realidade do ensino.** Conferência pronunciada no XI Simpósio Nacional da ANPUH, em João Pessoa – PB, em julho de 1981. Agradecemos a autorização de publicação ao Conselho Editorial da Revista Projeto História da PUC-SP, onde este artigo foi publicado pela primeira vez em 1982.
- FONSECA, Selva Guimarães. SILVA, Marcos Antônio da. **Ensino de História hoje: errâncias, conquistas e perdas.** Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 31, nº 60, p. 13-33 – 2010.
- MARTINS, Marcus Leonardo Bomfim. **Avaliação e Ensino de História.** XIV Encontro Regional da ANPUH-Rio, Memória e Patrimônio. Rio de Janeiro, 19 a 23 de julho de 2010.
- MEIHY, José Carlos Sebe B, RIBEIRO, Suzana L. **Guia prático de História Oral.** Ed. 2011.
- MICELI, Paulo. Uma pedagogia para a História? In. PINSKY, Jaime. **O ensino de História e a criação do fato.** Jaime Pinsky (autor e organizador) – ver. e atual – São Paulo : Contexto, 2009.
- MONTEIRO, Ana Maria Ferreira Da Costa. **Professores: entre Saberes e Práticas.** Educação & Sociedade, ano XXII, nº 74, Abril/2001.
- MUNHOZ, Sidnei J. **Para que serve a História ensinada nas escolas?** In: SILVA, Marco Antonio (Org.). Repensando a história. 5 ed. Rio de Janeiro: Marco Zero, 19994.

MUNAKATA, Kazumi. **Dois manuais de história para professores: histórias de sua produção.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.3, p. 513-529, set./dez. 2004.

NADAI, Elza. O ensino de História e a pedagogia do cidadão. In. PINSKY, Jaime. **O ensino de História e a criação do fato.** Jaime Pinsky (autor e organizador) – ver. e atual – São Paulo : Contexto, 2009.

NADAI, BITTENCOURT, Elza. Circe. Repensando a noção de tempo histórico no ensino. . In. PINSKY, Jaime. **O ensino de História e a criação do fato.** Jaime Pinsky (autor e organizador) – ver. e atual – São Paulo : Contexto, 2009.

PIRES, João Ricardo Ferreira. SOUSA, Renato João. **Os desafios do ensino de História no Brasil.** Professores em Formação ISEC/ISED N° 1, 2º semestre de 2010.

SCHMITT, Jaqueline A. M. Zarbato. **O ensino de História nas séries iniciais:** interfaces entre currículo, o saber e fazer docente. Anais do I Seminário Internacional do tempo presente. Florianópolis, UDESC, ANPUH-SC, 2011.

SOARES, Ana Paula Taveira. **Estudos de Currículo e Linguagem – Referenciais para uma pesquisa sobre Identidades Sociais no Ensino de História.** Junho de 2008.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Fachada do Ginásio Municipal João José Batista



Foto: Do próprio autor.

APÊNDICE B – Biblioteca do Ginásio Municipal João José Batista



Foto: Do próprio autor



Universidade Federal do Piauí – UFPI
 Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
 Curso de Licenciatura Plena em História
 Orientando: Antonio Rocha de Sousa
 Orientador: Prof. Ms. Gleison Monteiro

APÊNDICE A – Modelo de questionário do professor

QUESTIONÁRIO - TEMA I

Quem é o professor de história?

1- Nome: _____

2- Escolas onde trabalha: _____

3- Formação Profissional:

I. Curso superior/área de formação: _____

Instituição: _____

Ano de conclusão: _____

II. Pós-Graduação:

Instituição: _____

Curso: _____

Ano de Conclusão: _____

4- Há quanto tempo você é professor de História? Faça um relato das séries que lecionou ou leciona e das escolas que trabalhou e/ou trabalha.

5- Quais os últimos cursos de capacitação que você frequentou? Relate o motivo da escolha do curso de capacitação e a instituição que administrou o referido curso.

6- Informe sua carga -horária semanal exclusivamente em sala de aula:

8- Informe sua carga -horária semanal exclusivamente em horários pedagógicos/planejamento:

9- Como você utiliza os horários pedagógicos planejamento?

10- Informe as escolas em que você trabalha

a)

Públicas: _____

b)

Privadas _____

11 – Informe o número de alunos que você tem sob sua responsabilidade: _____

12- Informe sua relação com o magistério de História:

a) É de exclusividade, não lecionando outras disciplinas? _____(S/N)

b) Qual? _____

c) Além de dar aulas, ocupa função burocrática na área de educação? _____(S/N)

d) Qual ? _____

c) Além de dar aulas exerce atividades no comércio, na indústria e/ou nos serviços? _____(S/N)

Qual? _____

e) Além de dar aulas presta algum outro tipo de serviço não especificado neste questionário
? _____(S/N)

f) Qual ? _____

TEMA II

Como o professor se posiciona frente à história o ensino?

1- Como você define a história?

2- Qual é o objeto da história ?

3- Qual é o papel social do historiador?

4- Para que serve a história ensinada nas escolas ?

5- Como você concebe o tempo histórico ?

6- O que é documento histórico ? Você utiliza em sala para articular com algum conteúdo do livro didático?

7- Do ponto de vista teórico-metodológico, como você se auto-define?

8- Em sua opinião, quais são as principais tendências que informam atualmente a prática historiográfica? Cite os autores que você considera especialista na área.

9- Você concorda com a pedagogia de projetos? Quais projetos já realizou na área da história?

10- Exponha sua opinião sobre o papel do livro didático?

11- Você planeja sua prática pedagógica de que modo (Plano de aula, plano de curso, planejamento mensal. etc.) ?

12- Você já participou alguma vez da escolha de livro didático? Quais os critérios que você utilizou ou utiliza para a escolha do livro didático?

13- Informe o seu conceito de avaliação?

14- Informe os livros – didáticos e paradidáticos -, por escola, que você lecionou nos últimos 5 anos (cite na seguinte ordem: autor. Título e nome da escola):

Autorizo ao pesquisador utilizar, divulgar em quaisquer trabalhos e/ou eventos de cunho científico os dados contidos neste questionário.

São João da Canabrava-PI, _____ de _____ de 2013.

Assinatura do professor (a): _____



Universidade Federal do Piauí – UFPI
 Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
 Curso de Licenciatura Plena em História
 Orientando: Antonio Rocha de Sousa
 Orientador: Prof. Ms. Gleison Monteiro

APÊNDICE A – Modelo de questionário

QUESTIONÁRIO - TEMA I

Quem é você?

1- Nome: _____ Idade: _____

2- Escola em que estuda: _____

Ano do curso: 6° () 7° () 8° () 9° ()

3 - Você gosta de acessar a internet? Se sua resposta for positiva diga-nos quais sites consultas, o que gosta de fazer na internet: bate-papo, pesquisas...

4 - Como você organiza seus estudos, ou seja, como você administra o tempo de estudo para cada disciplina?

5 - Qual (ou quais) disciplina (disciplinas) você gosta mais? Justifique sua resposta.

QUESTIONÁRIO - TEMA II

Por que estudar História?

6- Para você o que significa estudar história?

7- O que se estuda na história: o passado? O presente? Ou os professores abordam a relação passado – presente?

8- Cite os temas que você está estudando atualmente em história? Gosta de estudá-los? Justifique sua resposta?

9- Você gosta da forma que seu professor (a) de história trabalha a disciplina (relate-nos a forma que seu professor trabalha)? Justifique sua resposta e se achar necessário se coloque no lugar do seu (sua) professor (a) e dê sugestões - dicas de como ele (ela) podia trabalhar a disciplina.

TEMA III

Como você se posiciona frente ao ensino de história?

1- Como você define a história?

2- Qual é o objeto da história?

3- Qual é o papel social do historiador?

4- Para que serve a história ensinada nas escolas?

5- Em sua opinião, a história é ficção sobre o passado ou ela representa a realidade?

6- O que é tempo historiográfico?

7- O que é documento histórico? Dê exemplos?

8- Exponha sua opinião sobre o papel do livro didático? Você gosta de lê-los? Ou prefere outras leituras? Justifique sua resposta.

9- Você gosta da forma que os autores escrevem, estruturam os livros didáticos? Justifique sua resposta.

10- Exponha sua opinião sobre as avaliações em história, ou seja, como você é avaliado? Provas? Trabalhos em grupos ou individuais? Ou você não gosta de nem um dos modelos de avaliação utilizado por seu professor?

11- O que você acha do projeto “Primeiro Aprender”? Será que este projeto ajuda os alunos a interpretar a história?

Autorizo o pesquisador utilizar, divulgar em quaisquer trabalhos e/ou eventos de cunho científico os dados contidos neste questionário.

São João da Canabrava – PI, _____ de _____ de 2013.

Assinatura do aluno (a): _____